

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA- CENTRO DE CIÊNCIAS DE
CODO- CCCO

GISELE BARBOSA DA SILVA

AS IMPLICAÇÕES DO CAPITAL CULTURAL NO APRENDIZADO DAS/OS
ESTUDANTES: Uma análise em uma escola rural na comunidade Cajazeiras
Codó-MA

Codó – MA
2022

GISELE BARBOSA DA SILVA

**AS IMPLICAÇÕES DO CAPITAL CULTURAL NO APRENDIZADO DAS/OS
ESTUDANTES: Uma análise em uma escola rural na comunidade Cajazeiras
Codó-MA**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Pedagogia, da Universidade Federal do Maranhão-Campus de Codó, como requisito parcial para obtenção do título de licenciada em Pedagogia.

Orientadora: Profa. Dra. Kelly Almeida de Oliveira.

**Codó- MA
2022**

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Diretoria Integrada de Bibliotecas/UFMA

Barbosa da silva, Gisele.

AS IMPLICAÇÕES DO CAPITAL CULTURAL PARA O APRENDIZADO
DAS/OS ESTUDANTES: Uma análise em uma escola rural na
comunidade Cajazeiras Codó-MA / Gisele Barbosa da silva. -
2022.

64 p.

Orientador(a): Kelly Almeida de Oliveira.

Curso de Pedagogia, Universidade Federal do Maranhão,
Codó- Maranhão, 2022.

1. Capital cultural. 2. Educação Infantil. 3.
Estudantes. 4. Pierre Bourdieu. I. Almeida de Oliveira,
Kelly. II. Título.

GISELE BARBOSA DA SILVA

**AS IMPLICAÇÕES DO CAPITAL CULTURAL NO APRENDIZADO DAS/OS
ESTUDANTES: Uma análise em uma escola rural na comunidade Cajazeiras
Codó-MA**

Monografia apresentada no Curso de Licenciatura em Pedagogia, da Universidade Federal do Maranhão - Campus de Codó, como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciada em Pedagogia.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Kelly Almeida de Oliveira (UFMA)
Orientadora

Profa. Ma. Gleiciane Brandão Carvalho (UEMA)
1 Examinadora

Prof. Dr. Dilmar Kistemacher (UFMA)
2 Examinador

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por estar comigo em todo momento, por ter me ajudado a entrar e a concluir a licenciatura de Pedagogia e por ter me dado forças durante esta longa etapa.

Meus agradecimentos a minha mãe Anailma, que fez o possível e o impossível para garantir a conclusão deste curso. A minha avó Maria do Carmo por todo o incentivo. Aos meus irmãos por estarem comigo em todos os momentos. As minhas primas e amigas, especialmente Évila Taline que foram quem me inscreveram no Enem, conseguiram um lugar para eu ficar em Codó para fazer a prova e fizeram minha inscrição no curso de Pedagogia. A minha tia que abriu as portas da sua casa para eu ficar durante o curso.

A minha orientadora, Profa. Dra. Kelly por ter aceitado ser minha orientadora, por toda paciência, dedicação, ajuda e aprendizados que ela proporcionou.

Aos amigos que fiz na Universidade e a todos meus colegas que de certa forma colaboram para que essa jornada fosse mais prazerosa.

A todos os professores do campus de Codó pelo excelente trabalho realizado e por todos os aprendizados proporcionados, lições e conselhos dados.

Por fim, agradeço a Universidade Federal do Maranhão - campus Codó por ter contribuído de forma significativa para a minha formação acadêmica.

A todos meu muito obrigado. Chegar até aqui com certeza só foi possível com a ajuda de vocês.

“meu trabalho é mostrar que a cultura e a educação não são simplesmente hobbies ou pequenas influências. Elas são extremamente importantes na afirmação de diferenças entre grupos e classes sociais e na reprodução dessas desigualdades”.

Pierre Bourdieu

RESUMO

A presente pesquisa intitulada As implicações do capital cultural no aprendizado das/os estudantes aborda o impacto que a temática causa no sistema de ensino; busca mostrar como a sociedade enxergava a escola e como realmente ela era de fato. Para isso, analisaremos questões como o impacto que a origem social exerce sobre o acúmulo do capital cultural e como a mesma provoca desigualdades em relação aos aprendizados dos estudantes e esclarecemos qual papel a família exerce na vida escolar dos filhos. Ao logo da pesquisa conceituamos cultura, cultura popular e erudita, capital cultural, *habitus* e Campo. Explicamos o que é violência simbólica, arbitrariedade e quando as mesmas acontecem, tendo como referência o viés do sociólogo francês Pierre Bourdieu. Destacamos a importância da teoria do autor, os modos de acumular capital cultural e as formas de transmissão dele. Depois de alguns anos desde que Bourdieu esclareceu esses aspectos, realizamos o exercício de imaginar como seria os novos meios de obter capital cultural atualmente. Diante disso, pensamos a tecnologia como um meio possível de acessar o capital cultural por sua enorme abrangência. Como forma de complementar a revisão bibliográfica, procuramos desenvolver uma pesquisa de campo de natureza qualitativa com enfoque fenomenológico para analisar os conhecimentos que os/as professores/as tem sobre a temática. Nesse ínterim, realizamos observação participante em duas salas de aulas da Educação Infantil para observar como o capital cultural e outros conceitos desenvolvidos por Bourdieu aparecem no dia a dia dentro da sala de aula e, sobretudo, na relação professor/a e estudante. Logo mais, desenvolvemos um questionário com perguntas relativas à temática com as duas professoras que observamos as aulas. Percebemos que embora Bourdieu indique dificuldades e o fato de que as desigualdades exercidas pelo sistema de ensino não aparecem claramente, ele não esclarece quais medidas tomar para promover as mudanças no âmbito escolar. Contudo, sua teoria fornece uma série de elementos que fazem pensar e questionar como o sistema de ensino e o sistema social são organizados. Através da observação da prática das/os participantes da pesquisa não percebemos o exercício da violência simbólica e nem de arbitrariedade cultural dominante. Durante o desenvolvimento do questionário, notamos que o termo capital cultural não é um tema que as professoras têm costume de ouvir e usar, mas mesmo assim, a maioria das respostas delas estão de acordo com o que foi posto por Bourdieu. Assim conseguimos identificar as suas concepções a respeito do tema.

Palavras-chave: Capital Cultural. Pierre Bourdieu. Estudantes. Educação Infantil.

ABSTRACT

The present research entitled *The implications of cultural capital for students' learning* addresses the impact that the theme causes in the education system; seeks to show how society saw the school and how it really was. For this, we will analyze issues such as the impact that social origin has on the accumulation of cultural capital and how it causes inequalities in relation to student learning and we clarify what role the family plays in the school life of their children. Along the research we conceptualize culture, popular and erudite culture, cultural capital, habitus and field. We explain what symbolic violence, arbitrariness is and when they happen, having as a reference the bias of French sociologist Pierre Bourdieu. We emphasize the importance of the author's theory, the ways of accumulating cultural capital and the ways of transmitting it. After a few years since Bourdieu clarified these aspects, we carried out the exercise of imagining what the new means of obtaining cultural capital would look like today. In view of this, we think of technology as a possible means of accessing cultural capital due to its enormous scope. As a way of complementing the literature review, we tried to develop a field research of a qualitative nature with a phenomenological approach to analyze the knowledge that teachers have on the subject. In the meantime, we carried out participant observation in two Early Childhood Education classrooms to observe how cultural capital and other concepts developed by Bourdieu appear in everyday life in the classroom and, above all, in the teacher-student relationship. Soon after, we developed a questionnaire with questions related to the theme with the two teachers who observed the classes. We realize that although Bourdieu indicates difficulties and the fact that the inequalities exerted by the education system do not appear clearly, he does not clarify what measures to take to promote changes in the school environment. However, his theory provides a series of elements that make us think and question how the education system and the social system are organized. By observing the practice of the research participants, we did not perceive the exercise of symbolic violence or dominant cultural arbitrariness. During the development of the questionnaire, we noticed that the term cultural capital is not a theme that teachers are used to hearing and using, but even so, most of their answers are in agreement with what was put by Bourdieu. In this way, we were able to identify their conceptions on the subject.

Keywords: Cultural Capital. Pierre Bourdieu. students. Child education.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	Mapa conceitual dos conceitos utilizados por Bourdieu.....	16
Figura 2	Vista aérea da Comunidade.....	44
Figura 3	Comunidade Cajazeiras.....	45

SUMÁRIO

1	CULTURA, EDUCAÇÃO E SOCIEDADE: O INÍCIO DE UM DIÁLOGO.....	12
2	UM OLHAR SOBRE A CULTURA.....	19
2.1	TEORIA DO CAPITAL CULTURAL E EDUCAÇÃO.....	21
2.2	A INSTITUIÇÃO FAMÍLIA E O SEU PAPEL NA FORMAÇÃO DO CAPITAL CULTURAL.....	32
2.2	TECNOLOGIA COMO MEIO DE OBTENÇÃO DO CAPITAL CULTURAL....	38
3	AS IMPLICAÇÕES DO CAPITAL CULTURAL NO APRENDIZADO DAS/OS ESTUDANTES: A REALIDADE DE CAJAZEIRAS.....	42
3.1	Pesquisa de campo: como falo.....	42
3.2	Comunidade Cajazeiras: de onde falo.....	44
3.3	CMEI Ciranda do Saber: para quem falo.....	48
3.4	Professoras participantes: com quem falo.....	49
3.5	Observações: o que falo.....	49
3.6	Questionários: para que falo.....	50
3.7	Breves considerações a respeito da pesquisa de campo: por que falo.....	57
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	60
	REFERÊNCIAS.....	62
	APÊNDICE.....	64



Operários (1933).

Artista: Tarsila do Amaral.

Técnica óleo sobre tela.

1 CULTURA, EDUCAÇÃO E SOCIEDADE: O INÍCIO DE UM DIÁLOGO

“Por vezes sentimos que aquilo que fazemos não é senão uma gota de água no mar. Mas o mar seria menor se lhe faltasse uma gota”

Madre Tereza de Calcutá

O capital cultural tem grande influência sobre os aprendizados das/os estudantes. Aquelas/es que têm mais oportunidades de frequentar lugares formais como museus, orquestras, que fazem aulas de teatros, balé... possuem um capital cultural diferenciado em comparação aquelas/es que não frequentam esses mesmos ambientes. Todos os aprendizados e informações captadas por elas/es através de sua vivência na sociedade, vai acumulando e formando o que chamamos de capital cultural.

Bourdieu diz existir uma barreira na própria escola que divide as/os estudantes em dois grupos. Aquelas/es que possuem bagagem cultural diversificada apresentam mais facilidade em aprender os assuntos escolares sem precisar de muito esforço. Enquanto isso, os que possuem menos, o esforço e a dedicação devem ser maiores. Ao invés da escola procurar meios para promover a equidade entre todas/os elas/es, provoca desigualdades e gera exclusão daquelas/es menos favorecidas/os, que em decorrência da sua classe social, tem menos capital cultural. Para a escola essas/es estudantes não tem muito a oferecer em questão de conhecimentos. A exclusão é perceptível por parte delas/es, fazendo com que muitos se sintam desmotivadas/os e incapazes. Todos esses aspectos foram percebidos pelo sociólogo francês Pierre Bourdieu (1930-2002) ao fazer uma pesquisa sobre o ensino na França.

É importante destacar que alguns aspectos mencionados acima e ao longo deste trabalho dizem respeito a uma pesquisa que o autor Pierre Bourdieu fez sobre como era o ensino na França, como era a escola e a sociedade francesa. Portanto, ele não mencionou ou contemplou a situação brasileira em si, mas é possível utilizar os conceitos dele para analisar a situação da educação brasileira.

Muito tempo já se passou desde que ele esclareceu como funcionava a escola de verdade. Nos dias atuais é possível notar que o ensino mudou, a escola mudou. Na época em que ele abordava as desigualdades escolares e a violência simbólica, a sociedade ainda era predominantemente capitalista, no sentido de que o indivíduo era valorizado pelos bens que tinham, pela sua classe social e pela cultura que apresentavam.

Às vezes, acontece de a escola fazer o contrário do que seria o mais adequado. Se as/os estudantes menos favorecidas/os, não conseguem visitar ambientes mais valorizados culturalmente pela sociedade, por que a escola não promove passeios e leva elas/es para visitar esses lugares? Não seria o mais adequado a se fazer? E isso seria o suficiente?

O fator social e familiar tem grande influência sobre o capital cultural. Estudantes de classes sociais mais favorecidas economicamente são os que mais se beneficiam na escola e elas/es são privilegiadas/os pois recebem a herança familiar ainda na primeira infância. Essa herança nada mais é, que as experiências transmitidas por suas famílias. No caso de famílias que não possuem as mesmas oportunidades devido à classe social baixa, tem-se a necessidade de incentivar suas/seus filhas/os para que esse sistema de hierarquização escolar não a/o faça desistir. O apoio da família neste caso é fundamental.

É necessário dar mais atenção a este assunto, visto que ele influencia o processo de aprendizagem da/o estudante. É importante trabalhar formas que promovam o contato de todas/os com a cultura erudita. Porém, isso não é o suficiente. É preciso que a escola valorize todas as culturas, e não só a da classe dominante como algumas escolas ainda fazem. Todas as culturas precisam ser valorizadas. Todas são importantes. Atentamos para o fato de que houve uma evolução sobre a maneira como é vista a questão do capital cultural nos tempos atuais e é preciso fazer um balanço dessas questões.

Deste modo, realizamos uma revisão bibliográfica sobre o assunto para entender melhor como este tema contribui para o aprendizado das/os estudantes e como a escola lida com as diferenças existentes entre aquelas/es que apresentam mais e menos capital cultural. É de grande relevância, também, procurar entender o motivo de muitas escolas não se esforçarem para reverter o quadro de desigualdades e exclusão que ela mesma provoca entre as/os estudantes, e compreender qual a visão das professoras sobre a relação entre o capital cultural e

as/os estudantes por meio de uma pesquisa de campo. É de grande importância também analisar o papel que a origem social e familiar tem neste meio.

A escolha do tema surgiu após assistir a aula de uma determinada professora que ministrava a disciplina de sociologia educacional na Universidade Federal do Maranhão Campus Codó. Até o momento não tinha o conhecimento desse assunto e desde então fez-se necessário pesquisar mais sobre esta área, para compreender as implicações que o capital cultural tem na vida da/o estudante. A pesquisa deve-se também ao fato que mais pessoas precisam ter o conhecimento sobre este assunto visto que ele é de grande relevância pedagógica, pois ajuda a contribuir para o entendimento acerca de como o aprendizado se torna mais fácil quando já existem conhecimentos acumulados através da vivência na sociedade e, por outro lado, como ele se torna mais difícil quando a/o estudante não dispõe de acesso aos bens culturais. Adquire relevância social mais ainda por envolver questões ligadas à sociedade, à cultura e às experiências vividas fora do ambiente escolar.

Como esse conceito foi desenvolvido por Bourdieu, é importante que sua obra seja uma das principais a serem analisadas nesta pesquisa mesmo que muitas vezes sob o olhar de outras/os autoras/es. Pierre Bourdieu é um dos sociólogos mais importante da atualidade, nascido em 1930 e falecido em 2002, ele deixou várias obras que contribuem para entendermos como vários aspectos da sociedade funcionam de verdade. A sua maior contribuição foi para a Sociologia da Educação. Com a sua teoria sociológica, ele tenta superar algumas questões colocadas por autores que vieram antes dele.

As contribuições que a pesquisa pode proporcionar são variadas como, por exemplo, entender porque a escola valoriza a cultura dominante em detrimento das outras? Por que muitas escolas se interessam apenas pelos conhecimentos científicos e não dão valor aos conhecimentos populares? A pesquisa tem o intuito de mostrar que se a escola adotar todos os tipos de saberes, facilita muito o aprendizado de todas/os, além de deixar o ambiente escolar mais diversificado, atual e incluso.

A pesquisa tem como objetivo geral analisar a concepção das professoras em relação às implicações do capital cultural para o aprendizado das/os estudantes e como objetivos específicos, identificar as concepções delas sobre o capital cultural, assim como também compreender a relação entre capital cultural e o aprendizado

das/os estudantes e refletir sobre as implicações da origem social e familiar para a transmissão da bagagem cultural das/os estudantes.

Para chegar aos objetivos dessa pesquisa foi feito uma revisão bibliográfica sobre o tema capital cultural. A pesquisa tem como finalidade realizar uma análise sobre os principais estudos que abordam capital cultural e sua relação com a vida escolar das/os estudantes. E assim verificar a possível contribuição que ele tem para o aprendizado delas/es. Nessa primeira parte foi analisado os estudos de várias/os autoras/es como Bourdieu (1998), Nogueira (1998; 2021), Catanni (1998), Piotto (2021), Chauí (2008), Laraia (2006), Menezes (2009), Martelo e Pimenta (2017), Nogueira e Nogueira (2002, 2004).

Como a questão orientadora da pesquisa consiste em saber que concepções as professoras têm em relação às implicações do capital cultural para o aprendizado das/os estudantes? entendemos como importante realizar uma pesquisa de campo com as professoras para analisar a concepção delas em relação as implicações do capital cultural para os aprendizados das/os estudantes e o conhecimento que elas têm sobre o tema para complementar/ discordar/ ampliar aquilo que as/os autoras/es mencionaram, incorporando novos elementos que aprofundem as discussões.

Desse modo, a pesquisa foi realizada com duas professoras da Educação Infantil em uma escola de Cajazeiras, município de Codó-MA. O método utilizado para obtenção dos dados foi construído mediante observação participante, durante e posteriormente a realização do estágio em Educação infantil nessa escola, e a aplicação de um questionário por meio do aplicativo Google Formulário com perguntas abertas enviadas às professoras através do aplicativo WhatsApp para possibilitar respostas mais abrangentes.

Observamos no decorrer do estudo que é importante trazer o termo cultura como modo de facilitar a compreensão sobre o que é capital cultural. A cultura não possui apenas um significado específico. Ela pode se referir a diferentes aspectos e apresentar diferentes sentidos, possuindo um sentido antropológico na qual destacamos o conceito que Edward Tylor e Chauí. Então, para Bourdieu, o indivíduo adquire cultura por meio das relações que estabelece com os outros, sendo a relação, o convívio, sobretudo o convívio com a família, com os colegas de escola, em sociedade e nos ambientes que frequenta o meio de obter capital cultural. Vale ressaltar que a bagagem cultural que a escola reconhece como legítima não se adquire em qualquer espaço, é adquirida através da cultura erudita, de visitas

frequentes a concertos, museus, bibliotecas, os passeios, idas a igrejas, a museus, a espaços de lazer, viagens, aulas de danças, de teatro, de músicas.

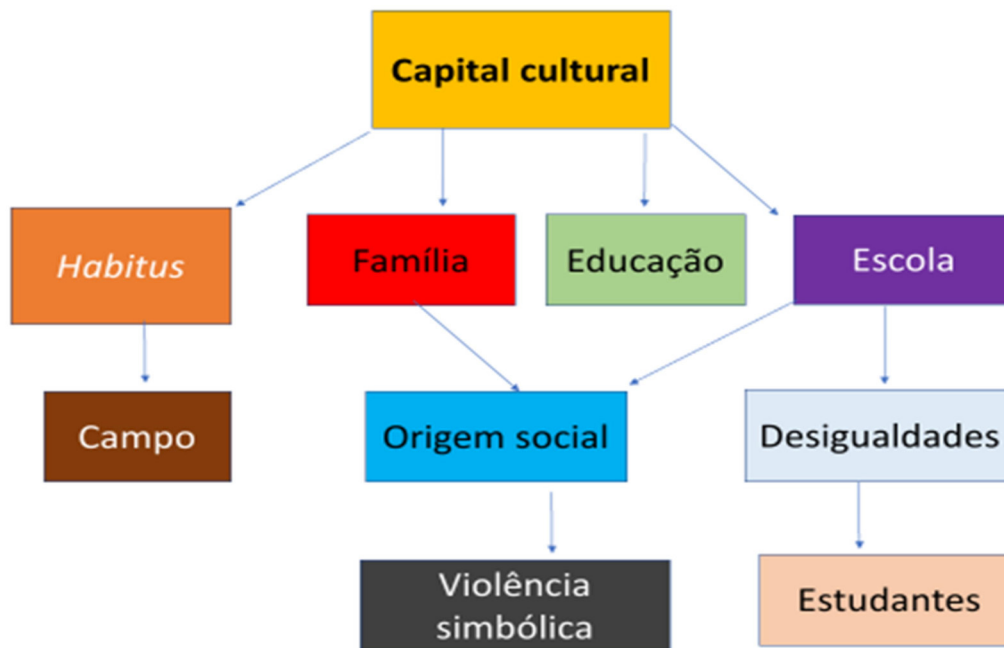
Diante disso, apresentamos as concepções de capital cultural e como ele favorece o aprendizado. Analisamos as implicações que a origem social e familiar tem para o acúmulo e transmissão do capital cultural. Destacamos noções básicas sobre a biografia de Bourdieu e alguns conceitos que ele utiliza quando se refere a capital cultural. Nesse sentido, arrolamos o conceito de *habitus* que, no sentido mais simples, corresponde aquilo que a criança absorve das relações com os outros para si própria. Por exemplo, ela, inicialmente, absorve valores, condutas, exemplos com os pais, depois com os colegas da escola e, por seguinte, com a sociedade. O ambiente em que se estabelecem esses contatos é chamado de *campo*. Este por sua vez, é um espaço que contém regras pré-estabelecidas e é onde acontecem as lutas por posições entre dominantes e dominados dentro da sociedade.

Quando Bourdieu tematiza a escola, utiliza outro conceito que é o da *violência simbólica*. Para ele, a escola não trata todas/os as/os estudantes da mesma forma. Os conteúdos das avaliações privilegiam somente a elite, pois os conhecimentos dessa classe são muito próximos dos conteúdos da escola. Desta forma, a classe popular estaria em desvantagem por não possuir as mesmas oportunidades que a elite porque a escola não leva em consideração seus conhecimentos. Ela estaria exercendo a violência simbólica por valorizar somente uma cultura e entendendo-a como mais importante que as demais.

Pensando em como já se passaram muitos anos desde que Bourdieu elaborou o conceito de capital cultural, destacamos outras formas para a sua obtenção que são mais atuais, como a tecnologia, a Internet, os aparelhos telefônicos, computadores e outras diversas formas de inovações. Pretendemos associar o pensamento de Bourdieu à atualidade digital, para podermos perceber que além de frequentar ambientes considerados “cultos”, para acumular capital cultural, será necessário ter acesso à Internet e possuir um celular em mãos. Os novos recursos tecnológicos podem auxiliar o ensino em tempo real, só basta saber utilizar da maneira adequada.

Em seguida, destacamos um mapa conceitual com alguns dos principais conceitos criados por Bourdieu e os termos que são mais utilizados por ele ao problematizar sobre capital cultural.

Figura 1: Mapa conceitual dos conceitos utilizados por Bourdieu



Fonte: elaborado pela pesquisadora (2022).

Todos esses termos serão discutidos neste trabalho e podemos perceber que um conceito está interligado ao outro. Para abordar a Teoria do capital cultural, Bourdieu agencia a noção de *habitus*, responsável por fazer a mediação entre o agente social e a estrutura social. Este último é entendido como o *campo*, que por sua vez, é o lugar onde acontece as disputas de interesse dos agentes sociais, isto é, as lutas de poder. Outro termo utilizado pelo autor é *escola*, porque ela está no cerne das desigualdades escolares ao valorizar estudantes que tem um bom desempenho escolar, ou seja, aqueles que tem capital cultural semelhante ao currículo dela, e por não atribuir o mesmo valor aos demais estudantes que tem “menos” capital cultural. Como difere daquele ensinado e desejado pela escola, imputa violência simbólica entre essas/es estudantes, por valorizar uns e desvalorizar outros. O autor menciona ainda que a origem social, o lugar que a/o estudante frequenta tem grande contribuição na acumulação do capital cultural.

Então podemos notar que para entender o conceito de capital cultural, é necessário entender os demais termos utilizados por ele. Vejamos cada um deles, mais detalhadamente na próxima seção.



Foto: Sebastião Salgado.
Exposição “Amazônia”
Museu do Amanhã, Rio de Janeiro

2 UM OLHAR SOBRE A CULTURA

Para se ter uma melhor compreensão sobre capital cultural é importante contextualizar primeiramente o que é cultura. Cultura é um termo estudado pela Antropologia, uma ciência que estuda a cultura humana, e como as pessoas se relacionam enquanto seres sociais.

Cultura vem do verbo latino *colere* que representa a noção de cultivo e cuidado. “Como cultivo, a cultura era concebida como uma ação que conduz a plena realização das potencialidades de alguma coisa ou de alguém; era fazer brotar, frutificar, florescer e cobrir de benefícios” (CHAUI, 2008, p. 57).

No decorrer da história, foram atribuídos novos sentidos à palavra cultura. Dependendo da área de estudo, ela pode apresentar diferentes características e pode ser vista e trabalhada por várias perspectivas variando o seu significado de acordo com as áreas do conhecimento que a estudam.

As definições de cultura começaram a ser definidas de forma mais aprofundadas no final do século XIX. Um dos autores que deram a definição de cultura foi o antropólogo Edward Tylor, considerado o pai da Antropologia. Ao falar sobre cultura, o autor ainda considera alguns elementos iluministas e acredita que o ser humano é universal, que o que os diferenciam uns dos outros é a forma como usam a razão. De acordo com suas ideias, os povos considerados “civilizados” seriam aqueles que sabem usar a razão e os povos “primitivos” seriam aqueles que não fazem uso dela. Ele conceitua cultura da seguinte forma:

Tomando em seu sentido etnográfico, cultura é este todo complexo que inclui conhecimentos, crenças, arte, moral, leis, costumes ou qualquer outra capacidade ou hábitos adquiridos pelo homem como membro de uma sociedade” (TYLOR, *apud* LARAIA, 2006, p. 25).

Entende-se com isso que o ser humano não nasce com cultura, e sim, que ele a adquire através do convívio com outras pessoas. Então, para Tylor, a cultura não está ligada aos aspectos biológicos, mas às relações que os indivíduos estabelecem entre si na sociedade. Para Chauí (2008), a cultura ganha uma dimensão maior no século XX, pois:

a partir de então, o termo cultura passa a ter uma abrangência que não possuía antes, sendo agora entendida como a produção e criação da linguagem, da religião, da sexualidade, dos instrumentos e das formas do trabalho, das formas de habitação, do vestuário e da culinária, das expressões de lazer, da música, da dança, dos sistemas de relações sociais, particularmente os sistemas de parentesco ou a estruturação da família, das relações de poder, da guerra e da paz da noção de vida e morte (CHAUI, 2008, p. 57).

Toda cultura apresenta características gerais, nas quais é possível fazer a sua identificação. Uma delas é o traço cultural, elemento mais simples que não pode ser compreendido de forma separada. Ele fornece uma identidade ao grupo. Os traços culturais, quando reunidos, formam o complexo cultural, uma espécie de um elemento maior, um conjunto de características culturais. Outro elemento é a área cultural que é o local onde se manifesta a cultura. Existe também o elemento padrão cultural, que corresponde aos traços característicos que uma cultura tem, são normas de comportamentos compartilhados por um mesmo grupo de indivíduos.

A sociedade é composta por grupos e se divide entre eles (dominantes, dominados, opressor, oprimido). Esses grupos, na sociedade capitalista, são designados de classes sociais (alta, média, baixa) e também são provenientes da cultura (erudita, popular e de massa). Essas questões remetem à divisão de classes entre burguesia e proletariado que o filósofo alemão Karl Marx (1818-1883) menciona. A burguesia é tida como a classe dominante que detém capital econômico/financeiro, sendo proprietária dos meios de produção, ou seja, da matéria-prima e das máquinas. O proletariado se refere à classe trabalhadora, aos operários e pequenos comerciantes que tem sua mão de obra explorada pela burguesia. Para Marx (MACHADO, 2011), a humanidade se divide em classe dominante e classe dominada, existindo assim uma oposição entre os donos do meio de produção e os proletariados que tem sua mão de obra explorada. Esse fenômeno é conhecido como luta de classes.

A cultura erudita é vinculada a uma tradição contemporânea. Quem faz parte dela são pessoas que possuem um padrão elevado, é quem detém capital cultural acumulado devido ao lugar que vive e ambientes que frequentam. São pessoas que possuem os conhecimentos que são valorizados pela sociedade. Em contrapartida, a cultura popular é a cultura representada pelo próprio povo, é uma cultura ligada à tradição. A cultura de massa é aquela criada pela indústria cultural, que está em um processo contínuo de fazer comercialização. Quando Bourdieu (1998) se reporta ao capital cultural, ele utiliza os termos de “cultura erudita” e “cultura popular” para

explicar como se dão as formas de sua acumulação e a transmissão. Assim, a cultura, o lugar onde o indivíduo mora, os lugares que frequentam é que determinam a obtenção ou não do capital cultural.

2.1 A TEORIA DO CAPITAL CULTURAL E A EDUCAÇÃO

Bourdieu (1998), ao formular sua teoria, considerou alguns conceitos e termos já discutidos por alguns sociólogos e filósofos que o antecederam, sendo que alguns ele reformulou ao organizar seu pensamento na medida que fazia suas pesquisas. Suas obras sobre Sociologia da Educação são muito importantes para compreendermos de fato como acontece o funcionamento da escola e a sua relação com as/os estudantes. Suas obras serviram para advertir a sociedade sobre o sistema de ensino que até então pensavam que incluíam a todos mas na verdade não era assim que ele funcionava. De fato, Bourdieu (1998) não escreveu suas obras por achismos, pelo contrário, ele pesquisou muito para poder apresentar os resultados e todas as suas obras possuem embasamentos científicos. Quanto a isso, podemos concordar que

:

Bourdieu procurou construir uma estrutura aberta de interpretação e de conceitos das ciências sociais, dando espaço para as especificidades culturais da sociedade com enfoque relacionais, ou seja, visou demonstrar o sistema de relações existentes nos espaços sociais e sua dinâmica. Ele reconheceu a pluralidade e a complexidade dos elementos que constituem a realidade social, mas buscou a superação da dicotomia especialmente entre objetivismo e subjetivismo (PIES, 2011, p. 12).

Como se sabe para construir sua teoria, Bourdieu criou e reformulou alguns conceitos, como o de *habitus*. Ele o reformulou e o usou para superar as divisões entre subjetivismo e objetivismo, ou seja, entre a sociedade e o indivíduo. *Habitus* entra em questão para mediar a relação entre indivíduo social e estrutura social.

O *habitus* trabalha com as probabilidades e possibilidades de ação, é inconsciente e se expressa através de diversas formas, seja no estilo de vida, nos gostos, nas maneiras de fazer as coisas, ou seja, está na ação humana (PIES, 2011, p. 17).

Para Bourdieu, o *habitus* é a interiorização da exteriorização e seria para os indivíduos como uma bússola que o orienta e o direciona. Quando a criança nasce, ela constrói seu *habitus* primário através das relações e do convívio com a sua

família. A família assume um papel importante. Ela ensina certos valores para a criança. Assim, o indivíduo terá grandes chances de crescer parecido com os pais, com algumas atitudes iguais, com gostos similares até mesmo com a mesma forma de pensar, pois assim que a criança nasce, os pais são as primeiras referências para ela. Quando a criança passa a frequentar a escola, ela constrói o *habitus* secundário, tendo como referência as relações com seus colegas (que carregam os valores que suas famílias lhe ensinaram) e com as/os professoras/es.

O *habitus* se constrói no processo de socialização, que por sinal é inacabável. O resultado dessa socialização contribui para o tipo de pessoa que ela será no futuro. A forma que um indivíduo age, a forma que ele se apresenta à sociedade faz parte dele. Para Bourdieu (1998), o que reproduz o sistema de classes é o próprio indivíduo com seu *habitus*. Podemos fornecer o exemplo de uma pessoa que nasce em uma família de classe baixa. Essa pessoa constrói seu *habitus* e pode escolher se permanece fazendo parte da classe popular ou se procurar meios para mudar de classe, pois ele é determinante nesse processo.

O *campo*, outro conceito formulado por Bourdieu é o lugar onde o *habitus* se expressa, reproduz e atua. É o lugar onde se estabelecem as relações e ações entre os indivíduos, correspondes a um espaço de poder. Existem vários *campos*, podendo existir lutas dentro deles e entre um campo e outro. As lutas são motivadas por disputas de interesses, onde os indivíduos buscam acumular o seu capital, podendo ser o cultural, simbólico, social, político. A depender do *campo*, os tipos de capital podem apresentar relevâncias diferentes. Pode-se dizer também que é um espaço que contém um conjunto de regras e maneiras de agir pré-estabelecidas. "Da mesma forma que o *habitus*, o campo é estruturado e flexível, sujeito a influência e à concorrência entre os que o compõem e de atores de outros campos dos quais se aproxima e se diferencia" (MARTELO; PIMENTA, 2017, p.10). Para que o indivíduo possa interagir nesse espaço, ele deve seguir essas normas e regras.

O conceito de *capital cultural* foi elaborado por Bourdieu em um de seus estudos sobre reprodução social, no contexto da sociedade francesa em meados dos anos de 1960. Bourdieu acreditava que o capital econômico não era o único que provocava distinção social. Ele percebeu que a cultura é algo simbólico e que quando uma pessoa tem culturas "maiores", estas são as condições de sua acumulação. Então, por volta dos anos 1960, ele apresentou uma resposta para o problema das desigualdades escolares e essa resposta marcou toda a Sociologia da

Educação, assim como também toda a história. Suas ponderações influenciaram as/os profissionais da educação a refletirem sobre a prática educacional vigente.

Desta forma, para Bourdieu, a noção de capital cultural remete da necessidade de se compreender as desigualdades de desempenho escolar dos indivíduos oriundos de diferentes grupos sociais. Sua sociologia da educação se caracteriza, notadamente, pela diminuição do peso do fator econômico, em comparação ao peso do fator cultural, na explicação das desigualdades escolares. Com isso destaca-se a relevância que tem a acumulação do capital cultural nos membros das famílias, quanto antes iniciar esse processo de socialização, o que significa um empreendimento prolongado de aquisição de capital cultural (PIES, 2011, p. 37).

Desse modo, o *capital cultural* é considerado como um artefato capaz de esclarecer as desigualdades do aproveitamento escolar das/os estudantes, bem como aquelas/es que apresentam certa facilidade em aprender os conteúdos escolares e aquelas/es cujo rendimento é menos proveitoso por não possuírem as mesmas vantagens que a classe alta possui. Bourdieu observou o desempenho das crianças que frequentavam a escola e percebeu que o *capital cultural* delas se diferenciava um das outras de acordo com sua classe social.

Assim, ele provocou deslocamentos na ideia de que as desigualdades escolares aconteciam devido a dons individuais que cada um/a possui. Com essa teoria, ele conseguiu também enfraquecer a ideia que se tinha do fator econômico provocar diretamente as desigualdades escolares.

O *capital cultural* é um bem valioso que proporciona para quem o detém muitas oportunidades em diversos âmbitos dentro da sociedade. Na escola, permite aprender de forma mais rápida. Se a pessoa fizer um vestibular, ela terá muitas chances de conseguir passar por conta da extensão da sua bagagem. Se se submeter a entrevistas de emprego, terá grandes chances de conseguir o emprego pelo jeito de se portar, falar, pelos conhecimentos apresentados e quando passar a trabalhar de fato, conseguirá facilmente se destacar, ser promovido de função/ cargo e etc.

A *bagagem cultural das/os estudantes*, outro termo desenvolvido por Bourdieu, deve ser levada em conta pela escola, mas é preciso considerar também todos os tipos de bagagem (muita, moderada, pouca) e é o professor que terá que organizar a sua metodologia de modo que abranja todos sem tratá-las/os de forma diferente e, muito menos, deixar transparecer que uns são mais especiais, pois todos tem capacidade e merecem ser tratados da mesma forma.

No início do século XX, as pessoas enxergavam a escola como a instituição capaz de construir uma nova sociedade, mais avançada, mais igualitária, e com mais oportunidades através do acesso à educação. De modo geral, as pessoas tinham uma visão bem otimista, acreditavam que a escola seria um lugar onde todos teriam as mesmas oportunidades. Nesse período, prevalecia a concepção de que a/o estudante que se destacasse, era porque possuía dons naturais, isto é, a capacidade e inteligência que algumas crianças já nascem com ela, ou seja, que é intrínseco ao ser humano.

No final dos anos 1950, foi divulgada uma pesquisa realizada pelos governos americanos e francês, em que foi possível perceber que a origem social tem grande impacto nos destinos escolares, mas de imediato isso não fez com que a sociedade abandonasse a visão de que a escola é uma instituição que trata todos da mesma forma. Contudo, salientamos que Bourdieu revolucionou toda a visão que as pessoas tinham da escola, ao revelar que a origem social das/os estudantes impacta nos seus estudos e que a escola não trata todos de forma igualitária e mantém os privilégios sociais (NOGUEIRA; NOGUEIRA, 2002, p. 16-17).

A década de 1960 representou um grande marco para que a sociedade deixasse de ver a escola como um espaço que acolhe todos de forma igualitária. Nessa época, Bourdieu apresentou uma nova visão sobre a escola e a educação, de forma realista e clara, ele fez enxergar como a escola reproduz e legitima as desigualdades sociais.

A cultura para ser legitimada pela escola, de acordo com a visão de Bourdieu, não poderia estar vinculada a nenhuma classe social diretamente. A escola teria que ser um espaço que recebe as/os estudantes e as/os trata de forma igualitária. Se a escola legitimar a elite, por exemplo, ela vai estar contribuindo para as desigualdades escolares.

Bourdieu defendia uma pedagogia racional, que funcionaria do seguinte modo: ao invés de considerar como pré-requisito o capital cultural, a escola tentasse transmiti-los aos estudantes que possuíam pouca bagagem. Com isso, haveria, de fato, a democratização do conhecimento, com oportunidades iguais para o acesso à cultura, ou seja, acesso a livros, exposições de arte, teatro, entre outros. Ele menciona a importância de levar em consideração todos os aspectos das/os estudantes e não somente os resultados das avaliações.

Sua concepção pretende romper com a concepção superficial de acesso à educação para todos quando apresenta uma solução para a escola não provocar mais distinções entre as/os estudantes e passar integrá-las/os na escola de verdade. Considerada por este ângulo, poderíamos superar as desigualdades existentes caso isso fosse realmente posto em prática. Contudo, as práticas pedagógicas encontravam-se enraizadas no tradicionalismo e tecnicismo. Logo, essa concepção da pedagogia racional não se desenvolveu.

Bourdieu sempre se interessou pelo debate sobre o impacto que o capital econômico e o capital cultural exercem sobre o desempenho escolar das/os estudantes, desde a parceria com o também sociólogo Jean-Claude Passeron. A parceria entre os dois culminou nas obras *Os herdeiros: o estudante e a cultura*, de 1964, e *A Reprodução: Elementos para uma teoria ao sistema de ensino*, de 1970. Neste último, o capital cultural diz respeito ao aprendizado e à capacidade de admirar obras da cultura erudita, mas Bourdieu não restringiu seu pensamento somente a este fator. Para ele, isso significa mais do que apreciar obras de arte, envolve também

disposições corporais e estéticas, modos de se portar e de falar, os gostos refinados que se expressam em todas as atividades da vida social, os modos de comer e sentar à mesa, de vestir e de decorar o interior de sua moradia. (PIOTTO; NOGUEIRA, 2021, p. 9).

No livro *A Reprodução*, é posto que a acumulação do capital cultural se dá através do convívio direto com obras de artes, óperas, concertos de músicas clássicas, orquestras, ou seja, por meio do contato com a cultura erudita. As frequentes visitas a esses espaços contribuem para a acumulação do capital cultural e facilitam o aprendizado, já que os conteúdos escolares fazem parte de uma cultura legítima, envolvendo assim temáticas que fazem parte do dia a dia de estudantes oriundos dessas classes.

Muitos entendiam a escola como um ambiente democrático, onde todos as/os estudantes teriam acesso aos mesmos conhecimentos, mas a realidade não é assim. A escola reproduz o que a sociedade considera ser o ideal. A cultura que a sociedade entende como legítima é a cultura da classe dominante. É como se essa classe selecionasse os conteúdos que consideram importantes para a escola ensinar, qual a melhor literatura, e o que se deve aprender. É como se ela ditasse as regras. Nesse jogo, a escola apenas “obedece” e coloca em prática.

A cultura erudita se impõe, como se ela fosse a melhor, percebendo isso, Bourdieu desenvolveu o que nomeou como *arbitrário cultural dominante*. Isto quer dizer que uma determinada cultura se impôs sobre outra como se fosse superior, mas isso não é algo adequado a se fazer.

Uma das principais contribuições de Bourdieu para a educação foi a de transpor toda essa visão hegemônica do que precisa ser ensinado na escola. Bourdieu acreditava haver uma saída para toda essa violência simbólica exercida consciente ou inconscientemente pela escola. Acreditava que se todas essas questões se tornassem explícitas poderia mudar os rumos das coisas.

a desigual distribuição deste recurso raro (capital cultural) estimula ainda mais o conflito pela posse desse bem, o que denuncia o constante jogo de dominação de um grupo sobre o outro para manter estrategicamente a estrutura simbólica reconhecida e legitimamente aceita por todos (CUNHA, 2007, p. 505-506).

A *violência simbólica* acontece em vários âmbitos dentro da sociedade entre os indivíduos, seja na escola ou no trabalho. Considerando as questões das classes dominantes, médias e populares, ela acontece na escola e na sociedade quando ambas entendem a classe dominante como legítima e mais importante. Mesmo que muitas pessoas de classe popular não verbalizem, inconscientemente elas desejam fazer parte dessa classe também. Elas tem ideais, sonhos, isso deve-se ao fato de a sociedade ser capitalista e por isso já está internalizado nos indivíduos.

A *violência simbólica* acontece quando os grupos dominantes criticam as pessoas que tem uma classe social diferente da sua, quando olham com certo desprezo e preconceito. A *violência simbólica* provoca distinção entre as pessoas e na maioria das vezes quando ela é exercida tende a ser naturalizada. Através desse conceito foi possível perceber que a escola reproduz as desigualdades sociais e não trata todas as pessoas equitativamente.

Bourdieu percebeu também que a escola faz uma divisão entre as disciplinas. Algumas são selecionadas como mais importantes, as mais abstratas e teóricas como, por exemplo, física, matemática, língua portuguesa. E, por isso, merecem uma carga horária maior. Outras são menos importantes, não são tão formalizadas, são mais práticas e técnicas e que são mais fáceis de serem compreendidas, como a Educação Física, por exemplo. As primeiras são mais complexas e por isso para que as/os estudantes as compreendam, é necessário que possuam bagagem

cultural adquirida na família e por visitas frequentes a determinados espaços da sociedade. As demais, não precisam ter uma certa bagagem cultural para poder compreender. Com a dedicação pessoal isso é possível (NOGUEIRA; NOGUEIRA, 2002).

A questão das desigualdades sociais está fortemente ligada à agregação do *capital cultural*. Bourdieu e Passeron esclarecem essa questão na obra *Os Herdeiros*. As pessoas que vivem em grandes cidades, que apresentam uma variedade de escolas e que frequentam diversos ambientes culturais, possuem mais chances de possuir uma considerável quantidade de bagagem cultural em comparação aqueles que vivem em cidades pequenas, ou na zona rural que não tem opção de escolas e nem possuem lugares para frequentar ricos em cultura. Vejamos que essas diferenças implicam muito no aprendizado, sendo positivas para aquelas/es de classes mais favorecidas e negativas para aquelas/es de classes desfavorecidas.

O *capital cultural* pode existir sob três formas diferentes: no estado incorporado, estado objetivado e no estado institucionalizado. O capital cultural no estado incorporado significa dizer que é duradouro e se caracteriza como parte integrante da pessoa. É próprio do indivíduo que o incorpora, não podendo assim ser repassado por outra pessoa, sendo necessário investir tempo para sua aquisição. Ele não pode ser transferível, trocado ou muito menos comprado. Ele é adquirido de maneira inconsciente. No estado objetivado, a forma de apropriação pode se dá por bens materiais que, por conseguinte, exigem capital econômico para serem adquiridos, haja vista a sua articulação com o capital simbólico que envolve o acesso às obras de artes como, pinturas, livros, esculturas e etc. Então, para que este seja adquirido, o indivíduo precisa possuir capital cultural incorporado ao capital econômico, pois para comprar um quadro de arte, por exemplo, ele necessita de dinheiro e, para compreendê-lo, precisa de capital cultural incorporado. Esse tipo de capital é materialmente transferível. No estado institucionalizado, o capital cultural se materializa através dos títulos escolares das redes de ensino e instituições acadêmicas (CATANNI; NOGUEIRA, 1998).

A *bagagem cultural* é constituída pelo capital econômico, social e mais necessariamente pela família. Relacionados uns com os outros, o capital econômico contribui para acumular *capital cultural*, pois ele permite frequentar determinados espaços que proporcionam vários conhecimentos. É por ele, que as pessoas tem a

oportunidade de conhecer coisas novas, como outros estados, outros países, de comprar livros, quadros, de investir em ensino extraclasse como, por exemplo, em dança, música, teatro, esportes. Tarefas essas que proporcionam muitos aprendizados e fortalecem a bagagem cultural. Assim, Bourdieu sinaliza que a bagagem cultural que a/o estudante carrega é fundamental e é o que determina seu aprendizado, seu desenvolvimento e a construção da sua identidade dentro da sociedade, mas que a escola não pode usar este fator para promover desigualdades.

O capital social proporciona a relação entre o indivíduo com outras pessoas dentro da sociedade, permitindo assim que ele aprenda determinadas coisas. Então, mesmo que apresente diferenças entre os tipos de capital cultural, ainda sim eles estão estreitamente ligados uns com os outros. Sendo até difícil falar de um sem mencionar os outros.

Com efeito, para que sejam favorecidos os mais favorecidos e desfavorecidos os mais desfavorecidos, é necessário e suficiente que a escola ignore, no âmbito dos conteúdos do ensino que transmite, dos métodos e técnicas de transmissão e dos critérios de avaliação, as desigualdades culturais entre as crianças das diferentes classes sociais. Em outras palavras, tratando todos os educandos por mais desiguais que sejam eles de fato, como iguais em direitos e deveres, o sistema escolar é levado a dar sua sanção às desigualdades iniciais diante da cultura (BOURDIEU, 1998, p. 53).

A escola não pode tratar os estudantes de diferentes maneiras, é preciso que ela seja um ambiente que acolhe e trata todos da mesma forma. Em relação a isso, existem professoras/es que rotulam as/os estudantes que apresentam uma certa dificuldade em determinada matéria. Dizem, por exemplo “ah, esse menino não aprende”, “já tentei de tudo e ele não progride”. Uma pessoa que escuta isso, pode se sentir desestimulado e incapaz, acreditando mesmo que é verdade o que a/o professor/a diz sobre ele/a. Por isso deve-se ter muito cuidado com as palavras ditas para as crianças. Muitas vezes, a/o professor/a nem se dá conta de que certas falas podem gerar desinteresse nas/os estudantes em continuar estudando. E em muitos casos o/a professor/a sabe exatamente o que certas falas pode gerar nas/os estudantes e mesmo assim continuam com determinados hábitos. É importante estimular, acreditar na capacidade, falar que acredita no potencial delas/es e em alguns casos rever a sua própria prática pedagógica. Nesses casos, é a/o professor/a quem precisa se adequar aos estudantes.

O tratamento desigual dentro do ambiente escolar gera o fracasso escolar e a evasão. Isso ocorre quando a escola não integra todas/os as/os estudantes, as/os professoras/es acabam dando mais atenção para alguns do que para outros. Aquelas/es que recebem pouca atenção, percebendo essa diferença, passam a se sentirem desestimuladas/os com os estudos, pois falta a elas/es um olhar mais atencioso e cuidadoso. Elas/es questionarão sobre o que há de errado em si. É possível notar essa diferença de tratamento dentro da sala de aula quando tem uma peça teatral para fazer na escola e a/o professor/a já tem em mente as pessoas que farão os papéis, não dando chance de escolha e das próprias pessoas dizerem o que querem fazer. Algumas vezes não tem papel para todo mundo na peça e ao invés de perguntar quem gostaria de fazer, ou fazer uma seleção, a/o professor/a já aponta quem quer que participe e como.

As/Os estudantes menos favorecidas/os têm dificuldade em dominar os mesmos códigos culturais que a escola valoriza. O aprendizado se torna muito difícil para elas/es. Bourdieu entende então que a escola marginaliza as/os estudantes de classes populares enquanto privilegia aquelas/es que são mais dotadas/os de capital cultural.

Para Bourdieu, mesmo que o ensino seja ofertado de forma gratuita, ou seja, pela escola pública, ainda sim haverá desigualdades sociais, pois a escola valoriza certas habilidades que nem todos vão possuir igualmente. Então o autor entende que essa democratização do ensino não acontece em todos os sentidos da palavra. Acontece, pois, o seguinte: a escola abre as portas para todas/os, todas/os participam das aulas, fazem as mesmas atividades, as mesmas avaliações, as/os professoras/es transmitem o assunto igualmente entre todas/os, no entanto, nem todas/os possuem os mesmos instrumentos de decodificação, alguns estariam em uma posição mais benéfica do que outros para cumprir aquilo que a escola deseja, pois estudantes provenientes das camadas mais abastadas tendem a possuir conhecimentos mais próximos dos conteúdos que escola trabalha. Nesse entendimento, enquanto que para determinadas pessoas, os conteúdos são familiares, por não apresentarem dificuldades de assimilação, para quem é proveniente das camadas populares, ou camadas dominadas, as dificuldades de compreender os conteúdos estariam ligados a falta de inteligência, esforço e dedicação delas/es mesmas/os.

Segundo a escola, todas/os as/os estudantes poderiam passar a tirar notas boas, compreender os conteúdos de forma rápida, ter uma boa oralidade, conseguir se expressar de forma clara, precisa; bastasse para isso, ter um empenho individual. A escola coloca todo o poder na mão delas/es, tirando assim o foco de suas responsabilidades em prover o sistema de ensino. Neste caso específico, as/os estudantes teriam que se adaptar às metodologias de ensino, porque

a avaliação escolar representa antes de tudo, um mecanismo de transformação da herança cultural em capital escolar. E isso seria possível porque a avaliação docente iria muito além da mera verificação da aprendizagem dos conteúdos, constituindo-se, na prática, num verdadeiro 'julgamento social', baseado - implicitamente e quase sempre de maneira inconsciente - na maior ou menor distância do aluno em relação às atitudes e comportamentos valorizados pelas classes dominantes, em particular seu modo de relação com a cultura (NOGUEIRA; NOGUEIRA, 2002, p. 43).

Ao invés da escola promover a igualdade entre as/os estudantes, ou a equidade em relação aos aprendizados delas/es, ela faz o contrário, colabora para as desigualdades. A avaliação da escola deve ser feita de forma que abranja os níveis em que cada um/a se encontra, não pode favorecer uns e desfavorecer outros, precisa encontrar um ponto de equilíbrio.

As/Os estudantes que vem de família menos favorecida economicamente tem que fazer um esforço muito grande para conseguir compreender os conteúdos escolares. Elas/es possuem sua própria cultura, mas ela não é vista como importante e no caso, para atender as demandas que a escola pede, precisaria aprender uma outra cultura totalmente diferente da sua, isto é, a cultura que a escola valoriza. A lógica, então seria a de que aquelas/es que são de famílias de classe favorecida não teriam que desaprender nada e muito menos se esforçar para compreender outra cultura, devido ao fato de já pertencerem a cultura dominante e por já se encontrarem em uma posição bem favorável na sociedade.

Bourdieu afirma que a cultura da escola é a cultura dominante. Nesse caso, os conteúdos ensinados por ela atenderiam principalmente os interesses dessa classe dominante. Assim, ao mesmo tempo em que a escola os reproduz, ela legitima as desigualdades escolares. A legitimação das desigualdades se dá de forma indireta, e talvez por isso sejam percebidas por poucos. Quando a escola avalia, leva-se em consideração a forma de aquisição da cultura, ou seja, a maneira que as/os estudantes a adquiriram e a forma que elas/es a usam.

Mais especificamente, a escola reproduziria, a seu modo, a distinção entre os dois modos básicos de se relacionar com a cultura: um primeiro, desvalorizado, se expressaria na figura do aluno esforçado, estudioso e aplicado, que busca compensar sua distância em relação à cultura legítima mediante uma dedicação tenaz às atividades escolares; e um segundo, valorizado, representado pelo aluno tido como brilhante, original, talentoso, desenvolvido, muitas vezes precoce, que atende às exigências da escola sem exibir traços de um esforço laborioso ou tenso (NOGUEIRA, 2002, p. 40).

Com a democratização do acesso à educação, a escola começou a abrir as portas para diversas pessoas, com bagagem cultural muito diversificada e diferente do padrão que ela estava acostumada a lidar. O que aconteceu, porém foi que abrir as portas para todas as pessoas não significou integrá-las de verdade, pois a escola continuou com a mesma forma de ensinar, com o mesmo currículo de antes, dando assim continuidade às desigualdades de escolarização. Por isso, o discurso de igualdade que a escola prega não funciona na prática. A escola valoriza a vestimenta, o modo de agir, o comportamento, a fala eloquente e quem não apresenta essas características tende a sofrer um certo desprezo por parte dela. Todas essas características são consideradas na avaliação que a escola faz.

Não há dúvida de que os julgamentos que pretendem aplicar-se a pessoas em seu todo levam em conta não somente a aparência física propriamente dita, que é sempre socialmente marcada (através de índices como corpulência, cor, forma do rosto), mas também o corpo socialmente tratado (com a roupa, os adereços, a cosmética e, principalmente, as maneiras e a conduta) (BOURDIEU, 1998, p. 193).

É difícil reverter este quadro, necessitamos de tempo, conscientização e esforço por parte da escola, do Estado e até mesmo da sociedade e da família. Bourdieu acreditava que para ter uma mudança na forma que a escola atuava, é preciso pensar em estratégias para impedir que o capital cultural não seja um sistema de reprodução e dominação. Cabe a/o pedagoga/o também, ser um/a bom/boa professor/a e ter conhecimento sobre as diversas culturas existentes, para assim poder conciliar o ensino entre aquilo que as/os estudantes vivenciam no seu dia a dia com os aspectos que envolve a cultura que a escola ensina para que não fiquem prejudicadas/os.

É preciso, pois, colocar em prática o que a Constituição Federal de 1988 declara no seu Art. 205, nele é posto que “A educação, direitos de todos e dever do

estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho”. O mesmo é enfatizado na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB (Lei nº 9.394/96), e no Art. 206 da Constituição Federal, onde dizem que o ensino será ministrado com base no princípio de “Igualdade de condições para acesso e permanência na escola”. No Art. 1º da LDB, encontramos a afirmação: “A educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais”. Então para que a educação seja proporcionada de forma igualitária para todas as pessoas, é preciso que haja também a colaboração de todas as instituições que compõem a sociedade.

Bourdieu percebeu também por meio de suas pesquisas que, quando a escola faz provas orais, ela cobra digamos assim que, uma certa habilidade com que o/a estudante fale. Dicção, fluência, entoação da voz e desenvoltura são características que a cultura dominante tem mais possibilidade de oferecer. O autor percebeu ainda que a visão que a escola tem sobre essas características é que elas fazem parte da sua inteligência natural e não como algo que foi herdado de alguém. (NOGUEIRA; NOGUEIRA, 2002, p. 31). Pensando nessa forma de avaliar da escola, colocamos o exemplo da criança que mora em regiões campestres e a que vive na cidade. Se essa criança do primeiro caso passasse a estudar em uma escola da cidade e fosse aplicado uma prova oral, ela estaria em desvantagem, pois dificilmente ela iria possuir as características que a escola leva em conta na hora de avaliar, pois existe a variação linguística e o modo que as pessoas do campo se expressam são diferentes da forma como se fala na cidade.

2.2 A INSTITUIÇÃO FAMÍLIA E O SEU PAPEL NA FORMAÇÃO DO CAPITAL CULTURAL

Bourdieu pesquisou os comportamentos e os gostos da classe alta e da classe baixa. Através dos seus estudos de campo, ele percebeu que a família de classe alta gosta de música clássica, de assistir peças teatrais, de visitar museus, de viajar, de disciplinas como filosofia e sociologia que fazem pensar. As famílias de classe baixa gostam de assistir novelas, de jogar. Considerando estes aspectos,

percebe-se que a família de classe alta tem mais a oferecer aos filhos em termos de capital cultural.

Existem alguns fatores que contribuem para a transmissão do capital cultural e um deles é a família. A transmissão da bagagem cultural se dá desde muito cedo. Acredita-se que as famílias que frequentam determinados lugares e fazem parte da cultura erudita, tem mais chances de compartilhar seus saberes com as/os filhas/os. As referências culturais que as/os filhas/os adquirem dos pais são levadas para a escola, facilitando o seu aprendizado.

Na verdade, Bourdieu explicita que o capital cultural tem como ponto de partida o desenvolvimento escolar, mediante o conhecimento formal escolar. Mas cabe salientar que o capital cultural vai além da noção de capital escolar, caracterizando-se também como um conhecimento informal que se constitui a partir dos costumes e hábitos de cada pessoa e grupo social (PIES, 2011, p. 32).

Para as crianças vindas de famílias desfavorecidas economicamente, a educação da escola seria algo novo, estranho e fora da sua realidade. Os pais e mães que vivem no campo não possuem a bagagem que a escola preza para transmitir a elas e pode, em muitos casos, não dispor de tempo para ensinar, ao menos, o básico que a criança necessita, porque precisam se dedicar a outros afazeres, como trabalhar, ou pode também não serem alfabetizadas/os. Muitas vezes, as famílias de classe popular só colocam as/os filhas/os para frequentar a escola para não as/os deixar em casa enquanto trabalham ou até mesmo para não perder algum benefício do governo e não, necessariamente, porque elas enxergam a escola como algo que vai proporcionar aprendizado e melhores condições de vida.

Na realidade, cada família transmite a seus filhos, mais por vias indiretas que diretas, um certo capital cultural e um certo *ethos*, conjuntamente, mas, por outro lado, para um valor fixo de cada um desses variáveis, a outra tende por si só, a hierarquizar os escores, assim, em virtude da lentidão do processo de aculturação, diferenças sutis ligadas às antiguidades do acesso à cultura continuam a separar indivíduos aparentemente iguais quanto ao êxito social e mesmo ao êxito escolar, nobreza cultural também tem seus graus de descendências" (BOURDIEU, 1998 *Apud* NOGUEIRA; CATANI, 1998, p. 41).

Sendo assim, a família ganha um papel importante no êxito escolar de suas/eus filhas/os. Vale ressaltar que a transmissão do capital cultural requer tempo e dedicação. A família transmite capital cultural, mas é na medida em que ela

incentiva a/o filha/o. Algumas coisas ela poderá obter deles de forma inconsciente e outras por admiração.

Concretamente, isso significaria que os membros de cada grupo social tenderão a investir uma parcela maior ou menor dos seus esforços – medidos em termos de tempo, dedicação e recursos financeiros – na carreira escolar dos seus filhos, conforme percebam serem maiores ou menores as probabilidades de êxito (NOGUEIRA; NOGUEIRA, 2002, p. 23).

Assim, de acordo com os autores citados, entendemos que as pessoas que fazem parte do grupo das classes populares investem pouco no ensino, pois acreditam que o sucesso é algo muito incerto e demora muito tempo para que o investimento dê bons resultados. Talvez essa seja a possível causa de muitos das/os estudantes não chegarem a concluir o Ensino Fundamental. Abandonam a escola para trabalhar e como a família não sabe se o ensino vai dar um bom retorno, se vai fazer com que eles melhorem sua condição financeira, se através delas/es terão boas oportunidades, então para a família, a melhor opção é parar de estudar por causa dessa incerteza e optar por algo que traz resultado rápido, como o trabalho.

Acreditamos que seja por isso que muitos passam a trabalhar antes do tempo adequado. As famílias, nesse caso, não cobram muito comprometimento e dedicação da/o filha/o com a escola. Ainda conforme o pensamento de Bourdieu, essas famílias tenderiam a optar por querer que as/os filhas/os investissem em carreiras que dessem resultados de forma imediata, e que não precisasse ser investido muito tempo, ou seja, algo que levasse elas/es para o mercado de trabalho mais rápido. Nesse caso, só seria investido tempo em uma carreira mais longa se a/o filha/o independentemente das circunstâncias de acesso, de moradia e do lugar em que vive, apresentasse um bom desempenho na escola.

Neste caso, a classe popular ocuparia

[...] a posição mais dominada no espaço social das classes sociais as classes populares caracterizar-se-iam, antes de mais nada, pelo pequeno volume de seu patrimônio, qualquer que seja o tipo de capital cultural considerado. Suas condições de existência condicionam, assim, um estilo de vida marcado pelas pressões materiais e pelas urgências temporais, o que inibe a constituição de disposições de distanciamento ou desenvoltura em relação ao mundo dos outros (BOURDIEU Apud NOGUEIRA; NOGUEIRA, 2004, p. 70).

Desse modo, a classe popular é a que apresenta menos bagagem cultural para transmitir aos filhos e filhas. Essas são famílias que precisam de retorno financeiro rápido: eis o motivo de muitas famílias não investirem na carreira escolar de suas/eus filhas/os!

As classes médias tenderiam a investir mais na educação, pois comparado às classes populares, as oportunidades para esse grupo são bem maiores. As/Os filhas/os dessas famílias apresentam mais chance de terem sucesso escolar. Assim, as famílias não teriam tanto medo de investir na educação escolar pois veem no ensino a oportunidade de elevar sua classe social. As/Os filhas/os não precisariam deixar a escola para trabalhar, considerando que ela/es têm melhores condições financeiras. Neste caso, o esforço delas seriam bem superior.

Bourdieu cita três componentes que a família de classe média poderia usar para economizar dinheiro, para assim poder investir as economias na carreira escolar da/o filha/o, que são: o ascetismo, o malthusianismo e a boa vontade cultural. O primeiro trata de essas famílias evitarem fazer gastos não tão necessários em prol de investir no ensino da/o filha/o que é algo que trará no futuro muitas recompensas. O segundo componente trata do controle de natalidade que a classe média faz, mesmo que inconsciente, pois evitam ter muitas/os filhas/os. A boa vontade cultural acontece quando as famílias entendem a importância que tem a cultura legítima, então para adquiri-la, compram livros, frequentam espaços culturais, na tentativa de adquirir capital cultural.

Ao falar das elites, Bourdieu diz que elas investem na educação, mas de uma forma mais tranquila, pois para as pessoas que fazem parte dessa classe, tem mais facilidade em dominar os códigos /conteúdos da escola. Deste modo, não requerem tanto esforço. A assimilação dos assuntos se dá de forma mais fácil e natural. Diferente das classes médias que buscam ascensão social, a elite não precisa mais procurar meios para ocupar posições mais altas, pois elas já estão nessa posição.

Na atualidade, é possível perceber que os conteúdos escolares incluem assuntos que fazem parte de variadas culturas e não somente relacionados à cultura erudita. Passou-se a valorizar conhecimentos sobre cinema, zoológico, diversas manifestações artísticas, como capoeiras, funk; artes urbanas, como grafite, esculturas e pinturas de artistas de rua que adentraram paulatinamente às escolas. “A sociologia da cultura parece caracterizar a era atual como a do enfraquecimento da clivagem tradicional entre cultura erudita e cultura popular” (PIOTTO;

NOGUEIRA, 2021, p. 13). Isso não significa dizer que não existem mais preferências culturais e reprodução social mas, que novos conteúdos ganharam espaços. Hoje em dia a escola tem considerado também as culturas populares, a científica e a técnica.

A escola não é mais algo isolado só para pessoas de classe social alta como antigamente. Nos liceus, por exemplo, só estudava os filhos de famílias ricas e fazendeiros. Hoje, os espaços destinados à educação estão mais inclusos, abriram-se as portas para todas as classes sociais. Embora isso não queira dizer que está tudo perfeito, precisa-se, ainda, de mais melhorias. O tratamento dentro das escolas ainda está muito desigual.

Assim como a cultura erudita permite acumular capital cultural, a leitura também é um meio que permite obtê-lo.

Todo o mais sendo constante, fica evidente que ser educado em um ambiente familiar onde a leitura desempenha um papel importante é significativamente mais eficaz em termos de sucesso escolar do que ter pais que frequentam o teatro e a ópera, visitem os museus, galerias e vernissages (PIOTTO; NOGUEIRA, 2021, p.17).

Por meio da leitura é possível conhecer o mundo, sendo obtidas diversas informações. É possível conhecer a cultura de diferentes povos e seus costumes. É certo, que a criança que visita determinados ambientes verá como várias manifestações de arte acontecem na prática, mas, com a leitura pode conhecer a história de como tudo começou, quem foram os primeiros atores de teatros, os primeiros cantores de ópera, e as dificuldades que eles encontraram no início. Enfim, a leitura abre um leque de possibilidades. Quando a pessoa cria o hábito de leitura, o seu nível de compreensão melhora e sua capacidade criativa se amplia.

Por outro lado, não basta ter uma biblioteca em casa que fará com que a/o filho tome gosto pela leitura, é preciso tempo e investimento. Se essas famílias não estimularem a leitura e se não ler historinhas desde muito cedo, incentivar e dar o exemplo é possível que a criança cresça e não goste de ler. É importante destacar também que as/os filhas/os irão adquirir aquilo que lhes pareça interessante. Em suma, são elas/es quem selecionam os assuntos que gostam e desejam aprender. Vale destacar também que a família não pode obrigar a criança a ler porque isso

pode gerar um certo desinteresse nela, a criança tem que aprender a ler por gosto e não por obrigação. A família e a escola assumem papel importante nesse processo.



Instalação “Nós da Língua Portuguesa”

**Escultura de Arnaldo Antunes que sintetiza a ideia de que a língua
está em movimento**

Foto: Bárbara Muniz Vieira/G1

Museu da Língua Portuguesa, São Paulo.

2.3 A TECNOLOGIA COMO MEIO DE OBTENÇÃO DO CAPITAL CULTURAL

Em seus textos, Bourdieu comenta que as/os estudantes que detém capital cultural eram aquelas/es de classe social alta, que frequentavam lugares de cultura erudita e aquelas/es vindos de uma "boa" família, e que as/os estudantes não possuíam capital cultural valorizado pela escola porque tinham dificuldade de acesso aos bens culturais, certo? Hoje em dia, a globalização e a recente revolução tecnológica provocaram deslocamentos substanciais em relação alguns aspectos do capital cultural, principalmente na forma de sua obtenção. No cenário atual, precisamos considerar a tecnologia, apesar de alguns aspectos permanecerem iguais ao que Bourdieu propôs, como a falta de acesso aos meios para acumulação do capital cultural. Ainda existem muitas pessoas que não tem acesso à internet mesmo ela estando em todos os espaços dentro da sociedade.

Os recursos digitais passaram a desempenhar um papel muito importante na obtenção de capital cultural. A tecnologia proporcionou uma revolução em diversos âmbitos da sociedade e um deles foi na educação. Ela ressignificou a forma de ensinar e de aprender. Com a inserção de novas metodologias, o conhecimento ficou mais acessível. Com a Internet é possível conhecer diferentes assuntos, o estudante pode acessar vários sites, plataformas e canais educativos para reforçar e complementar o assunto estudado na escola. No geral, temos uma rede que se bem usada pode proporcionar e facilitar o aprendizado. A/O professor/a pode criar vários recursos atrativos para que se possa ter uma melhor compreensão do conteúdo que ela/e está trabalhando. O ensino poderá ser um tanto mais monótono se houver resistência das/os professoras/es na utilização da tecnologia como recurso pedagógico.

Um dos recursos mais utilizados na Educação Infantil por professoras/es tem sido os jogos. Eles tornaram-se um ótimo aliado para o aprendizado, pois contribuem para facilitar a percepção da/o estudante e o interesse em querer aprender, a socialização e o trabalho em grupo. Com eles, é possível ensinar a respeitar as regras, aprender que nem sempre irão apenas ganhar. É possível criar e recriar os jogos quantas vezes quiser na medida do assunto que for ensinar, é possível ensinar matemática, questões relacionadas ao espaço, à coordenação

motora e em todas as disciplinas os jogos podem ser utilizados, desde a Educação Infantil à Educação Superior.

Os jogos educacionais são recursos eficientes de ensino. E eles podem ser usados em qualquer etapa do ensino, pois proporciona muitos benefícios para o aprendizado das/os estudantes. Os aparelhos tecnológicos passaram a fazer parte do dia a dia de muitas crianças e jovens. Seria proveitoso usar essas ferramentas que a/o estudante tem bastante facilidade em manusear cuja eficácia para o ensino foi comprovada. Através dessas ferramentas é possível ensinar sobre assuntos mais complexos de maneira mais descontraída e lúdica.

A “geração Y” nasceu imersa em tecnologia. São os nativos digitais e essa é uma área que os jovens apresentam muita facilidade e naturalidade em utilizar. Eles apresentam melhor desempenho se comparado a muitos adultos. Todavia, nem todos as/os estudantes têm acesso à internet e aparelhos tecnológicos devido à classe social menos favorecida economicamente. As/Os estudantes de classes média e alta são os mais beneficiados (como sempre!), pois podem ter Internet em casa, computador, celular, espaços para o estudo. Podemos compreender que muitas coisas continuam iguais à percepção que Bourdieu apresentou, só mudaram os contextos.

Mesmo com tanta evolução, com todo tipo de tecnologia e aparelhos tecnológicos para algumas classes, ainda é uma coisa que fica fora do alcance da maioria da população. Tem quem pense que a Internet chegou para todos, mas quem pensa assim está muito enganado e não conhece a realidade da população. Para possuir internet e aparelhos tecnológicos é necessário ter capital econômico, mas para muitas famílias que vivem com menos de um salário mínimo por mês, fica praticamente impossível comprar aparelhos celulares e pagar todo mês por um sinal de Internet. Quem é de família com mais condições financeiras é quem pode usufruir desses bens. (É importante frisar que os aspectos mencionados aqui e mais adiante dizem respeito à realidade do Brasil, do Maranhão e de Codó).

Devido à pandemia provocada pelo novo coronavírus (COVID-19) que teve início no início de 2020 e permanece até agora em 2022¹, as aulas presenciais foram paralisadas para evitar a propagação do vírus e a adoção do ensino remoto foi

¹ Registramos que até o momento do fechamento do texto, foram confirmadas 679.010 mortes por Covid-19 no país.

a alternativa encontrada para minimizar os efeitos da pandemia sobre a educação. Contudo, ficou muito difícil para algumas/ns estudantes acompanhar as aulas, pois muitos não possuíam acesso à Internet em casa. Em alguns casos, a família só tinha um aparelho de celular e alguns deles tinham que ir para outros locais para ver se conseguiam assistir aulas. Um exemplo disso é a reportagem exibida no programa Fantástico da TV Globo. Segundo a reportagem, um adolescente de 15 anos que cursa o 1º ano do Ensino Médio foi morar no município de Alenquer na cidade de Santarém-Pará por causa da pandemia². No local que mora, para conseguir assistir as aulas remotas, ele sobe em uma árvore para ter um sinal melhor. Então, para alguns, a tecnologia, a Internet e os aparelhos tecnológicos ainda são uma realidade distante.

Diante disso, questionamos: Até quando existirá essa diferença de classes? Até quando as pessoas de classe social baixa continuarão sendo invisíveis? Por que elas sempre têm menos oportunidades dentro da sociedade?

² Reportagem disponível em: <https://g1.globo.com/pa/santarem-regiao/noticia/2021/03/14/estudante-adapta-sala-em-cima-de-arvore-para-acompanhar-aulas-remotas-no-pa-construindo-um-sonho.ghtml>
Acesso em 02 de agosto de 2022.

Quando olhei a terra ardendo
 Qual fogueira de São João
 Eu perguntei a Deus do céu, ai
 Por que tamanha judiação
 Eu perguntei a Deus do céu, ai
 Por que tamanha judiação?

Que braseiro, que fornalha
 Nem um pé de plantação
 Por falta d'água perdi meu gado
 Morreu de sede meu alazão
 Por falta d'água perdi meu gado
 Morreu de sede meu alazão
 Inté mesmo a asa branca
 Bateu asas do sertão

Entonce eu disse, adeus Rosinha
 Guarda contigo meu coração
 Entonce eu disse, adeus Rosinha
 Guarda contigo meu coração
 Hoje longe, muitas léguas
 Numa triste solidão

Espero a chuva cair de novo
 Pra mim voltar pro meu sertão
 Espero a chuva cair de novo
 Pra mim voltar pro meu sertão
 Quando o verde dos teus olhos

Se espalhar na plantação
 Eu te asseguro não chore não, viu
 Que eu voltarei, viu
 Meu coração
 Eu te asseguro não chore não, viu
 Que eu voltarei, viu
 Meu coração

Asa Branca

Composição: Humberto Teixeira / Luiz Gonzaga.

3 AS IMPLICAÇÕES DO CAPITAL CULTURAL NO APRENDIZADO DAS/OS ESTUDANTES: A REALIDADE DE CAJAZEIRAS

A pesquisa de campo foi pensada como forma de aprofundar as questões que já foram discutidas ao longo do trabalho, pois além da ênfase no que as/os autoras/es argumentam sobre a temática, fez-se importante também, ouvir o que os/as professores/as tem a dizer sobre o capital cultural e sua relação com o aprendizado das/os estudantes. Nesse sentido, para Lakatos (2003, p. 186):

Pesquisa de campo é aquela com o objetivo de conseguir informações e/ ou conhecimentos acerca de um problema, para o qual se procura uma resposta, ou de hipóteses, que se queira comprovar, ou ainda, descobrir novos fenômenos ou a relação entre eles (...) consiste na observação de fatos e fenômenos tal como ocorrem espontaneamente, na coleta de dados a eles referentes e no registro de variáveis que se presume relevantes para analisá-los.

A pesquisa de campo permite a/o pesquisador/a, analisar de forma mais precisa e natural os fatores investigados e permite comprovar por meio de determinados métodos, as argumentações que compõem o referencial teórico, reforçando seus fundamentos. Esse tipo de pesquisa possibilita também realizar novas descobertas.

Deste modo, destacamos o método utilizado para chegar aos resultados da pesquisa, assim como também, a comunidade onde fica localizada a escola, pois consideramos importante caracterizar a comunidade porque ela diz muito sobre como são as famílias das crianças que estudam no CMEI. Apresentamos o campo da pesquisa, as participantes, analisamos as observações realizadas em sala de aula durante as atividades do Estágio Supervisionado em Educação Infantil e os dados produzidos com o questionário, mediada pelo diálogo com as/os autoras/es de referência para este trabalho.

3.1 Pesquisa de campo: como falo

Para a realização deste estudo, realizamos pesquisa qualitativa descritiva com enfoque fenomenológico. A pesquisa qualitativa busca evidenciar um fenômeno

em profundidade. Para isso, podem ser utilizados vários métodos de coletas de dados como textos, vídeos, entrevistas, áudios, imagens e questionários. Como existem diferentes métodos que podem ser utilizados para chegar aos resultados da pesquisa, a/o pesquisador/a escolhe aquele que está relacionado com seu problema de pesquisa.

A pesquisa qualitativa é uma atividade situada que localiza o observador no mundo. A pesquisa qualitativa consiste em um conjunto de práticas materiais interpretativas que tornam o mundo visível. Essas práticas transformam o mundo. Elas transformam o mundo em uma série de representações, incluindo notas de campo, entrevistas, conversas, fotografias, registros e lembrete para a pessoa. Nesse nível a, a pesquisa qualitativa envolve uma abordagem interpretativa e naturalística do mundo. Isso significa que os pesquisadores qualitativos estudam coisas dentro dos seus contextos naturais, tentando entender, ou interpretar, os fenômenos em termos dos significados que as pessoas lhe atribuem (DENZIM; LINCOLN, 2011, p. 11).

Na pesquisa qualitativa, os dados geralmente são obtidos no campo e as informações podem ser reunidas através das observações da prática dos sujeitos participantes, da interação e das conversas. Nesse estudo, agenciamos como técnicas a observação participante na escola pública de Cajazeiras e o questionário com duas professoras que atuam na referida escola.

A fenomenologia, por sua vez, foi proposta inicialmente pelo filósofo Edmund Husserl e pode se caracterizar como a ciência dos sentidos. No estudo fenomenológico a ênfase está no estudo da essência dos acontecimentos.

Um estudo fenomenológico descreve o significado comum para vários indivíduos das suas experiências vividas de um conceito ou um fenômeno. (...) O propósito básico da fenomenologia é reduzir as experiências individuais com um fenômeno a uma descrição da essência universal (CRESWELL, 2014 p. 72)

Percebemos que no método fenomenológico é necessário estudar o objeto de pesquisa em sua essência. Para isso é importante conhecer o sujeito da qual está se investigando. Desse modo, as observações ocorreram em duas salas de aula, sendo que as observações iniciais foram realizadas durante a realização do Estágio Supervisionado em Educação Infantil, na turma maternal C.

As observações duraram de 25 de abril de 2022 a 04 de maio do mesmo ano. Logo após, o período de observações, seguiu-se a etapa de regência, onde passamos a ministrar aulas. Essa etapa teve início no dia 05 de maio de 2022 e foi até o dia 24 do mesmo mês e ano. A observação contabilizou 32 horas e a regência 48 horas.

Com as duas primeiras etapas concluídas, passamos ao desenvolvimento do projeto de intervenção. Ele teve duração de dois dias e aconteceu em meses diferentes, sendo que o primeiro dia foi no dia 26 de maio e o segundo dia foi em 10 de junho.

Após o término do estágio, voltamos à escola novamente para pedir permissão à gestora para o desenvolvimento da pesquisa. Ela concedeu a permissão e passamos a observar uma outra turma do maternal com uma professora diferente daquela que foi a supervisora técnica do estágio. Assim, a etapa de campo iniciou no dia 20 de julho e foi até o dia 28 do mesmo mês. O segundo método utilizado foi o questionário, última etapa da pesquisa de campo. Os questionários foram respondidos pelas duas professoras.

3.2 Comunidade Cajazeiras: de onde falo

Cajazeiras é uma comunidade localizada na zona rural de Codó, no Estado do Maranhão. Ela é um povoado em crescimento, que possui cerca de cinquenta anos de existência. A comunidade está localizada a uma distância estimada em 80 km da sede do município de Codó. Ela é banhada pelo riacho do Saco. No período de março a junho, a população aproveita para realizar a pesca. A região apresenta clima tropical, sendo composta por uma população estimada entre 4 e 5 mil habitantes.

A seguir, apresentamos uma imagem área da comunidade, obtida por meio do *Google Maps*.

Figura 2: Vista aérea da Comunidade



Fonte: *Google Maps* (2022).

Cajazeiras é um lugar bom para se viver. Todas pessoas se conhecem e são acolhedoras. A população é solícita e ajuda as pessoas mais necessitadas com cestas básicas. Quando tem alguém precisando fazer alguma cirurgia ou tratamento médico e que não tem verba suficiente para arcar com os custos, as pessoas organizam bingos, fazem campeonatos de futebol para arrecadar fundos. Essa prática acontece com frequência na comunidade.

A comunidade dispõe de um posto médico, uma quadra poliesportiva, um mercado público, local onde as pessoas alugam as vagas para vender variadas coisas. Em suas proximidades, algumas pessoas se organizam em pequenos comércios e vendem produtos como lanche e artigos em geral.

Cajazeiras conta também com uma Secretaria de Administração, uma praça pública, um destacamento da polícia militar, dois campos de futebol, um centro comunitário que funciona, na maioria das vezes para reuniões, como por exemplo a reunião da *PLAN International*. Esta é uma organização não governamental que atende crianças e adolescente com foco na igualdade de gênero. As reuniões organizadas por ela, acontecem nesse espaço ou nas escolas. As reuniões são para discutir diferentes temas, para orientar, alertar e refletir sobre os direitos que as crianças e adolescentes tem.

Para ilustrar um pouco da disposição das casas, ruas, edificações públicas e praças da comunidade, apresentamos a Figura 3 com imagens de Cajazeiras:

Figura 3: Comunidade Cajazeiras



Fonte: Acervo pessoal da autora (2022).

Em Cajazeiras e seus arredores, já existiram grandes quantidades de palmeiras de coco babaçu, que serviam de renda para muitas famílias. Inclusive, para algumas pessoas, a única fonte de renda era obtida com a quebra do coco babaçu, do carvão obtido de sua casca e do azeite extraído de suas amêndoas. Quem visita e conhece Cajazeiras pode encontrar algumas palmeiras de coco, mas sua existência está diminuindo com o passar dos anos por causa dos desmatamentos. Nos arredores da comunidade, existem muitas fazendas e os donos delas empreendem grandes derrubadas. Desse modo, compreendemos que esse saber tradicional e modo de vida está se acabando. São poucas as pessoas que ainda quebram coco na comunidade.

Em Cajazeiras são realizados muitos campeonatos de futebol, inclusive, esse é o principal esporte praticado na região. Existem times masculinos e femininos. Outra prática de lazer predominante da região são as cavalgadas que acontecem com frequência. Além de lazer, essa prática também consiste em um esporte: o esporte de vaquejada, que acontece uma vez por ano, e/ou até de dois em dois anos.

Nos meses de julho acontece o arraial em Cajazeiras com diversas atrações e quadrilhas de diferentes lugares. Há também a ocorrência de muitas festas realizadas aos fins de semana. No aniversário de Cajazeiras, que é no dia 15 de novembro, são realizadas várias brincadeiras e uma delas é a gincana cultural.

Contudo, a comunidade ainda requer muitas melhorias e mudanças em vários aspectos. Existem duas escolas de Ensino Fundamental. Ambas funcionam nos turnos matutino e vespertino. Uma dessas escolas cede o espaço há anos para o anexo de uma escola da rede estadual de Codó/MA que funciona no turno noturno.

Em Cajazeiras falta biblioteca e ambientes culturais para a população visitar ou para as/os professoras/es fazerem passeios com as crianças. As escolas não dispõem de aulas de músicas, teatros e danças. O museu mais próximo localiza-se há 80 km da comunidade, na cidade de Caxias/MA. Podemos perceber que se torna muito difícil a obtenção do capital cultural por meio desses elementos, pois eles não fazem parte da realidade de Cajazeiras.

Por meio das observações percebemos que as crianças do CMEI têm a mesma classe social. É possível afirmar isso porque em Cajazeiras todo mundo se conhece e assim fica fácil saber mais ou menos a realidade de cada pessoa. Alguns dos pais e mães são empregados/as na prefeitura, mas outros/as trabalham de diárias, quando encontram, e de lavrador/a. Isso decorre muitas vezes da falta de escolarização, pois tem muitas pessoas da comunidade que não concluíram o Ensino Fundamental completo devido alguns circunstâncias, como a necessidade de trabalhar cedo, ou por causa que engravidam³.

Com base na vivência de anos em Cajazeiras, foi possível observar que a grande maioria das mulheres que engravidam quando estão na escola param de estudar na medida em que os meses vão se passando ou logo depois que dão à "luz". Muitas vezes porque o marido tem que trabalhar e a mulher não tem com quem deixar a criança para poder ir para a escola. A gravidez na adolescência é um fator muito presente na região também.

Uma outra dificuldade que foi observada se dá pela falta de empregos em Cajazeiras. Não existe nenhuma empresa grande que gere empregos. Existem pequenos comércios que, em alguns casos, é somente o próprio dono que trabalha

³ Enfatizamos que a gravidez não é um impedimento ao estudo mas, infelizmente essa é a realidade da comunidade.

nele, e em outros casos, o dono contrata algum ajudante. Esses comércios são compreendidos nas casas das/os moradoras/es.

Quem não tem possibilidade de montar seu próprio negócio, trabalha para a prefeitura. Além dessas opções, as ocupações exercidas pela população são: o trabalho como pedreiros (isso quando aparece!) ou em roças; as mulheres podem trabalhar nas casas de outras famílias, porque, anteriormente, trabalhavam como Quebradeiras de coco babaçu, atividade em escassez devido aos desmatamentos realizados por fazendeiros, como destacamos anteriormente. A falta de emprego para a população de Cajazeiras diminuiu porque muitas pessoas se deslocaram para outras cidades e estados à procura de melhores condições de vida. Por causa dos motivos apresentados, concluímos que os habitantes da região e as famílias das crianças do CMEI apresentarem a mesma classe e origem social.

3.3 CMEI Ciranda do Saber: para quem falo

O *lócus* da pesquisa é uma creche que recebeu o nome fictício de Centro Municipal de Educação Infantil Ciranda do Saber. Ela é uma escola de rede pública que fica localizada no povoado de Cajazeiras município de Codó/MA, localizada à rua São Raimundo, zona rural. O nome verdadeiro da escola recebe o nome de um dos líderes que atuaram na comunidade, que foi brutalmente assassinado em 2014. Por questões éticas não divulgaremos o seu verdadeiro nome neste texto.

Dezessete professoras trabalham na instituição, que atende cento e trinta e cinco crianças regularmente matriculadas. A escola atua abaixo da sua capacidade máxima de atendimento que é de duzentas matrículas. Entre os profissionais da educação também temos uma supervisora, cinco profissionais que trabalham na limpeza e cozinha e dois vigilantes.

As aulas acontecem em dois turnos, manhã e tarde. A gestora foi muito receptiva e respondeu muito bem a solicitação para fazer a pesquisa na escola, colaborando assim para o desenvolvimento da pesquisa. Ela indicou as duas professoras para participar da pesquisa e como uma das professoras foi a supervisora técnica do Estágio Supervisionado em Educação Infantil, optamos por aproveitar essa etapa e passamos a observar somente a turma da professora Flor. Quanto ao questionário, ele foi respondido pelas duas professoras.

A estrutura física da escola conta com cinco salas de aula e dez turmas considerando a parte da manhã e tarde; uma sala de acolhimento – onde as crianças e as/os professoras/es de todas as turmas se reúnem para socializarem, por meio de cantigas, danças, ensaios, sendo utilizado também como refeitório; uma cozinha; tem três banheiros – o feminino, o masculino e o das/os funcionárias/os; uma sala da direção; uma sala da Supervisão e o pátio.

3.4 Professoras participantes: com quem falo

A pesquisa foi realizada com duas professoras. As duas receberam nomes fictícios para a realização desta pesquisa. A professora Rosa é natural de São João do Sóter/MA, casada, tem dois filhos e trabalha há dois anos na instituição. Ela cursou a Educação Básica no CMEI Aluísio Azevedo em Caxias/MA e cursou a graduação no Centro de Formação Educacional do Leste do Maranhão (CEFELMA).

A professora Flor é natural de Caxias/MA, casada, não possui filhos e trabalha há doze anos na escola. Além da graduação em Pedagogia, ela também possui formação em Serviço Social – bacharelado. Ambas são formadas em Pedagogia e residem atualmente em Cajazeiras.

3.5 Observações: o que falo

A pesquisa de campo teve dois meses de duração incluindo o período de observações realizadas durante o estágio em Educação Infantil, realizado nesta mesma escola, entre os meses de abril e junho de 2022. Dessa forma, tanto o período de observação como o período de regência contribuíram de forma significativa para a pesquisa em desenvolvimento.

Com base nas observações realizadas na turma de aula do maternal C, durante a realização do estágio em Educação Infantil, foi perceptível notar que a professora trata todos estudantes da mesma forma, sem favorecer ou desfavorecer ninguém.

As duas professoras regentes das turmas trabalham com danças e músicas em suas aulas. No mês de junho, por exemplo, elas trabalharam com as danças juninas. Inclusive, estavam acontecendo ensaios todos os dias com as crianças de todas as turmas. É de fundamental importância trabalhar com as danças juninas

porque é a cultura predominante da região nordestina. No horário do ensaio da dança junina, a professora não escolhe as crianças que vão dançar. Ela pergunta à turma sobre quem deseja participar. Quem se propõe, ela leva para a sala do acolhimento para ensaiar. Diferente, portanto, dos exemplos mencionados nas seções anteriores, em que as/os professoras/es, em muitos casos são quem escolhe as/os estudantes para participar de alguma peça/projeto da escola. Além do projeto das danças juninas, estava acontecendo também um projeto de leitura que tem como propósito incentivar a criança desde cedo a gostar de ler. Esses dois projetos que estão sendo trabalhados contribuem para a obtenção do capital cultural, por meio do acesso à cultura e à leitura.

Durante as observações na sala de aula não percebemos registros de violência simbólica. Vimos, pelo contrário, que o tratamento é igualitário. Conforme o que já foi destacado nesta monografia sobre o conceito de *habitus*, podemos afirmar, com segurança, que as crianças do CMEI Ciranda do Saber estão na fase de formação do *habitus* secundário. Elas já construíram um pouco do *habitus* primário por meio do convívio e socialização com a família e, nesse momento, estão a vivenciar experiências novas, ou seja, a consolidação do *habitus* secundário mediado pela socialização com seus colegas e professores/as porque

o *habitus* adquirido na família (está) no princípio da recepção e da assimilação da mensagem escolar, e o *habitus* adquirido na escola (está) no princípio do nível de recepção e do grau de assimilação das mensagens produzidas e difundidas pela indústria cultural e mais geralmente de toda mensagem erudita ou semierudita (BOURDIEU; PASSERON, 2011, p. 66).

O *habitus* secundário, neste caso, funcionaria como uma extensão da educação familiar, uma continuação daquilo que já foi ensinado ou adquirido anteriormente. Ele atua como um sistema aberto para possíveis e novas experiências. É justamente este fator que faz o *habitus* ser uma construção social, pois ele se constrói através do contato do agente social com a esfera social.

3.6 Questionários: para que falo

A segunda técnica implementada durante a etapa de campo corresponde ao questionário. Seu desenvolvimento foi bem desafiador porque as duas professoras que participaram disseram ter sentido dificuldades para respondê-lo. Elas afirmaram

que já tinham ouvido falar sobre a temática, mas que teriam que fazer uma pesquisa sobre o tema para saberem o que responder. Esse fato explica as respostas curtas das participantes às questões formuladas. No sentido de tentar esclarecer a temática às professoras, optamos por realizar um questionário-teste, para depois reelaborá-lo em sua versão definitiva.

As perguntas do questionário foram elaboradas no aplicativo *Google* formulários. Todas as perguntas tinham como objetivo obter respostas abertas, para que as participantes pudessem expressar abertamente suas opiniões, mas elas o responderam de forma bem sucinta. O questionário foi enviado para as professoras em dias diferentes. Para a primeira que chamaremos pelo nome fictício de Flor, foi enviado no dia 27 de junho e para a segunda que chamaremos de Rosa, foi enviado no dia 29 de junho. Ambas responderam no dia 04 de julho.

Na sequência, apresentamos as perguntas e as respostas das professoras, juntamente com as respectivas análises, contendo as interpretações da pesquisadora e as conexões com as/os priorizadas/os.

Perguntamos às professoras o que elas entendem por capital cultural. Rosa respondeu que “É importante para desvelar as desigualdades escolares” e Flor mencionou “É a identidade cultural do sujeito e sociedade”. Com essa resposta de Rosa, compreendemos que, de fato, o capital cultural ajuda a desvelar a existência de desigualdades para que venham à tona. Além disso, existe a imposição de uma classe sobre a outra, isto é, a arbitrariedade cultural, que é quando uma classe se coloca em um patamar mais alto que as demais, fazendo com que a sociedade atribua valor a ela, através da reprodução e do fortalecimento desse sistema mesmo que inconscientemente. A respeito disso, Bodart (2018, p. 25) faz vários questionamentos:

De que modo se concluiu que é melhor que as crianças frequentem a escola? como foi estabelecido quais conteúdos devem ser ali ensinados? afinal, como na maioria das vezes se definiu o que é bom, bonito ou desejável? como se estabeleceu qual profissão deve ser mais ou menos remunerada? essas perguntas se relacionam ao conceito “arbitrário cultural”. Muito provavelmente a resposta mais comum a essas perguntas está relacionada à visão de que é a “sociedade” a definidora dessas questões.

Nem todos participam diretamente dessa decisão até porque muitas dessas questões foram decididas há muito tempo, mas como é algo que já está imposto, a sociedade naturaliza. Algo parecido acontece com a cultura, onde as definições da

mesma se dão através de “decisões arbitrárias de classes sociais dominantes que as transmitem para as classes dominadas, de modo que essas as percebem como únicas possíveis ou, pelo menos, como as únicas válidas” (BODART, 2018, p. 25). Isso serve para que a classe dominante continue ocupando a posição de superioridade diante das outras classes sociais. Quanto a isso, Bourdieu (2004, p.83) declara que:

[...] a escola não seria uma instância neutra que transmitiria uma forma de conhecimento intrinsecamente superior às outras formas de conhecimento, e que avaliaria os alunos com base em critérios universalistas; mas, ao contrário, ela é concebida como uma instituição a serviço da reprodução e da legitimação de dominação exercida pelas classes dominantes (BOURDIEU, 2004, p. 83).

A escola, por sua vez, colabora para a arbitrariedade cultural quando valoriza a cultura das classes dominantes; quando a grade curricular apresenta conteúdos que favorecem grupos dominantes que já possuem familiaridade com o assunto; quando seleciona e define a cultura “digna” de fazer parte do currículo.

A professora Flor, ao responder o que entendia por capital cultural, disse que o mesmo se caracteriza como sendo a identidade cultural do sujeito e da sociedade. Se nos remetermos ao significado desse termo, podemos compreender que identidade cultural é aquilo que constitui o sujeito, são as características inerentes a cada indivíduo, e serve para diferenciar os sujeitos uns dos outros (isso remete ao conceito de *habitus*). É aquilo que pertence a um indivíduo, grupo e cultura, fazendo com que as pessoas se reconheçam através delas.

Alguns elementos que constituem a identidade cultural podem ser mencionados, tais como: religiosidade, música, dança, culinária, artes plásticas, samba, cultura sertaneja, carnaval, religiões de matrizes africanas. Então podemos perceber que esses elementos fazem parte de determinadas culturas e são responsáveis pela identificação delas. Todos esses elementos estão conectados ao conceito de capital cultural, visto que colaboram para a obtenção do mesmo.

Quando questionamos sobre a importância do capital cultural para o aprendizado dos estudantes? Rosa afirmou “Importância de realizar seleções preexistentes” e Flor ponderou “É importante por ser um elemento capaz de perceber as desigualdades sociais e promover a melhoria do desempenho escolar”.

Quando perguntadas sobre qual a importância do capital cultural para o aprendizado das/os estudantes, a professora Rosa disse ser importante para realizar seleções preexistentes.

Observamos que Rosa atribuiu importância a algo que é muito prejudicial e errôneo e, que infelizmente algumas escolas realizavam ou ainda podem realizar que é tratar as/os estudantes de formas diferentes de acordo com a bagagem que eles carregam. O capital cultural não deveria ser utilizado para fazer seleções preexistentes. Ele deveria ser utilizado como forma de promover, facilitar e aperfeiçoar o conhecimento, e não para deixar as/os estudantes que possuem uma bagagem cultural diferente da que a escola valoriza, em uma situação de inferioridade. Mesmo porque elas/es não tem culpa nenhuma sobre como é organizado a grade curricular da escola, muito menos da falta de acesso a determinados ambientes que favorecem a acumulação do capital cultural valorizado pela escola.

Quanto a essa mesma pergunta, a professora Flor respondeu que o capital cultural é importante por ser um elemento capaz de perceber as desigualdades sociais e promover a melhoria do desempenho escolar. Foi justamente para esclarecer as desigualdades sociais e escolares veladas pela escola que Bourdieu (1998) elaborou o conceito de capital cultural. Como forma de fundamentar a sua concepção, ele analisou a origem social das crianças e percebeu que o capital cultural delas se diferenciava uma das outras de acordo com os seus meios originários, isto porque

[...] a noção de capital cultural impôs-se primeiramente, como uma hipótese indispensável para dar conta da desigualdade de desempenho escolar de crianças provenientes das diferentes classes sociais, relacionando o sucesso escolar, ou seja, os benefícios específicos que as crianças das diferentes classes e frações de classe podem obter no mercado escolar, a distribuição do capital cultural entre as classes e frações de classes (BOURDIEU, 1998, p. 73).

Antes o foco estava no fator econômico e na ideia do dom. Bourdieu (1998) procurou investigar e percebeu que existe outro fator que implica nos resultados escolares que é a origem social e o capital cultural. Esse esclarecimento tem grande importância para a educação. Podemos atribuir essa concepção as nossas “zonas de conforto”, pois a partir dos resultados apresentados pelo autor, isto é, dos novos conceitos, saímos de uma ideia já estabelecida, até então predominante, que

podemos chamar de “zona de conforto”. Isso nos levou a uma ideia nova, diferente, fazendo com que saíssemos da zona de conforto da qual já estávamos habituados.

Indagamos às professoras sobre se elas acreditam que as/os estudantes que apresentam mais facilidade de aprender os assuntos escolares são aqueles que já possuem uma determinada quantidade de capital cultural? Rosa afirmou e Flor negou.

A professora Rosa acredita que as/os estudantes que apresentam mais facilidade de aprender os assuntos escolares são aquelas/es que já possuem uma determinada quantidade de capital cultural. Quanto a essa mesma pergunta, a professora Flor discorda, ela não acredita que os estudantes que tem capital cultural tem mais facilidade para aprender os assuntos escolares.

As duas professoras apresentam opiniões divergentes sobre esta pergunta mas, quando nos remetemos ao conceito de capital cultural, e entendemos que ele se trata de bens materiais, culturais e simbólicos, acreditamos que ele aumenta o desempenho escolar por fornecer prestígio ao estudante. Um sujeito que tem o hábito da leitura, que costuma fazer viagens, excursões, intercâmbios, que frequenta o museu, o teatro, certamente aprende algo. Com esse conhecimento adquirido ao adentrar a escola, os conteúdos escolares lhe parecem familiares. Dessa forma, ela/e terá um desempenho maior.

Por outro lado, para aquela/e sujeito que não tem esses mesmos hábitos, muitas vezes por falta de oportunidade, terá que fazer um esforço maior para compreender os conteúdos devido ao fato de o assunto ser novo para ele. Isso se dará também porque pode ter sido somente dentro da escola que ela/e tenha ouvido/conhecido sobre determinado assunto. Sobre esta questão, concordamos que

[...] a posse do capital cultural favorecia o desempenho escolar na medida em que facilitaria a aprendizagem dos conteúdos e dos códigos (intelectuais, linguístico, disciplinares) que a escola veicula e sanciona. Os esquemas mentais (as maneiras de pensar o mundo), a relação com o saber, as referências culturais, os conhecimentos considerados legítimos (a cultura culta ou a alta cultura) e o domínio maior ou menor da língua culta, trazidos de casa por certas crianças, facilitariam o aprendizado escolar tendo em vista que funcionariam como elementos de preparação e de rentabilização da ação pedagógica, possibilitando o desencantamento de relações íntima entre o mundo familiar e a cultura escolar. A educação escolar, no caso de crianças oriundas de meios culturalmente favorecidos, seria uma espécie de continuação da educação familiar, enquanto para as outras crianças significaria algo estranho, distante ou mesmo ameaçador (NOGUEIRA; NOGUEIRA, 2004, p. 60-61).

Na sexta questão, questionamos sobre o fato de que antigamente era posto que as pessoas que adquiria capital cultural era quem tinha contato com a cultura erudita, ou seja, quem frequentava cinemas, teatros, orquestras, concertos entre outras coisas. Considerando os tempos atuais, quais são os outros meios que permite adquirir capital cultural em sua opinião? Rosa mencionou “Caráter e modo de pensar” e Flor afirmou “É através da cultura erudita”.

Nos tempos atuais, de acordo com a professora Rosa, os outros meios que permitem adquirir capital cultural é o caráter e o modo de pensar. Quanto a essa resposta não compreendemos o que a professora quis dizer com isso. Para Flor, os outros meios para se acumular capital cultural é através da cultura erudita.

Como destacamos ao longo do trabalho, o capital cultural realmente é formado por um conjunto de aspectos que fazem parte da cultura erudita, mas atualmente não é somente através dos elementos dessa cultura que se obtém o capital cultural. A tecnologia e a internet também podem se caracterizar como um meio possível, visto que as escolas cobram das/os estudantes conhecimentos sobre informática, aplicativos que são usados em prol do ensino e passam atividades que precisam fazer pesquisa na internet. Então, podemos dizer que a tecnologia e a internet contribuem diretamente para acumular o capital cultural ou são formas de se chegar a ele indiretamente, haja vista que através da internet se pode conhecer diferentes culturas.

Na sétima questão, solicitamos às professoras que manifestassem sua opinião sobre o papel da família no processo de transmissão do capital cultural? Rosa declarou: “A socialização, instruir, e educar para a base da formação da pessoa” e Flor destacou: “Os valores adquiridos de geração e geração e a cultura”.

A professora Rosa acredita que o papel da família no processo de transmissão do capital cultural seja a de socializar, instruir e educar para a base de formação da pessoa. Flor acredita que são os valores passados de geração a geração e a cultura. Aqui vimos que embora não tenhamos buscado uma relação entre as respostas das participantes podemos observar que elas mantêm uma estreita relação. Como dito anteriormente, a família desempenha um papel importante quando se trata na transmissão do capital cultural, por ela ser a primeira responsável pela socialização dos filhas/os e pelos valores ensinados a eles/as. É ela que compartilha seus conhecimentos com as novas gerações.

É certo que, uma família que tem o hábito de ler para suas/eus filhas/os, que ensina, que realiza tarefas conjuntamente, será mais fácil compreender os conteúdos escolares porque em casa eles/as já aprenderam determinadas coisas, já possuem alguns conhecimentos, ou seja, já tem uma bagagem cultural. E se, além de ensinar em casa, a família proporcionar a suas/eus filhas/os momentos de visitação a determinados lugares culturais, como exposições de arte, ou fazer viagens para lugares históricos, dentre outras coisas, aumentará ainda mais o repertório cultural delas/es.

Na última questão, perguntamos: Para você, a classe social interfere no acúmulo do capital cultural, se sim, de que forma? Para Rosa, “Sim. Por vários critérios: diferenças, prestígio, e pelos rendimentos familiares”. Para Flor, isso se justifica “Porque o capital cultural são ativos de uma pessoa em matéria cultural em educação”. Para as duas professoras, a classe social interfere no acúmulo do capital cultural pelos seguintes critérios: diferenças e prestígios, rendimentos familiares e porque o capital cultural são ativos sociais de pessoa em matéria cultural em educação.

No filme americano *Escritores da liberdade*, de 2007, com direção de Richard LaGravenese, o enredo é baseado em uma história real que retrata a história de uma turma de estudantes da professora Erin Gruewll, na qual a maioria dos estudantes vem de classe social desfavorecida. São pessoas negras que encontram muitas dificuldades por causa disso. Alguns/algumas estudam por obrigação e não por enxergar que a educação proporcionará melhores condições de vida. Uma das estudantes diz que “o que a professora ensina não vai mudar em minha vida”, e completa: “só estudo para não ter que ir para o reformatório”. Outras/os fazem parte de gangues. Em determinado momento do filme, um estudante reflete “olho para o mundo e não veja pessoas iguais a mim, que andam com dinheiro no bolso. Para as pessoas negras parece existir só a profissão de rep e jogador de basquete”.

A vida dessas/es estudantes é marcada por muitas tragédias e perdas, mortos apenas por causa dar cor da pele. Quando a professora pede para levantar a mão quem já foi alvo de tiro, apenas um único garoto branco mantém a mão abaixada. Todos os demais levantam. Na sequência, ela questiona quem sabe o que é o holocausto? Apenas o menino branco e de classe média da turma levanta a mão. Isso mostra os privilégios que as pessoas brancas.

Observamos que o que faltava para essas/es estudantes era justamente alguém que acreditasse neles/as porque nem a própria diretora acreditava. Somente professora recém-contratada. Ela acredita que elas/es podem mudar de vida através da educação. Ela batalha por isso e se importa de verdade com o futuro da turma dela, desejando expandir seus horizontes, por meio de visitas a lugares novos, como por exemplo, a visita a um museu. A maior parte da turma nunca tinha estado em museu antes. Nesse caso, a visita adquiriu um sentido pedagógico ao ser acionada como recurso de incentivo aos estudos.

Esse filme é um exemplo da importância que o capital cultural tem sobre a trajetória escolar ao revelar como a escola trata as/os estudantes que não apresentam uma quantidade considerável de capital cultural. O filme também evidencia as desigualdades de condições, de acesso e o peso que a origem social tem sobre o aprendizado das/os estudantes devido a falta de incentivo e oportunidades.

Quanto mais alta é a classe social de uma pessoa maior são os privilégios que essa pessoa possui. Sabemos que não é de hoje que as coisas funcionam desta forma. Por outro lado, as pessoas que tem uma classe social menos favorecida economicamente enfrentam muitas dificuldades, preconceitos, falta de oportunidades, injustiças e, na educação não é diferente, pois como observou Bourdieu, essas pessoas apresentam mais dificuldades para assimilar os conteúdos que a escola impõe. Esses conteúdos favorecem as pessoas que tem uma classe mais alta por elas possuírem bagagem cultural acumulada mediante suas relações e experiências em sociedade. Dessa forma, podemos ver que a classe social interfere no acúmulo do capital cultural por causa dos acessos que ela dá para quem é financeiramente favorecido.

3.7 Breves considerações a respeito da etapa de campo: por que falo

Ao escolher fazer uma pesquisa de campo é preciso estar disposto a superar os desafios que certamente serão encontrados ao longo do percurso. Nesta pesquisa não foi diferente. Um dos principais desafios para realizar a pesquisa foi o de que quando passamos a fazer a segunda observação na outra turma, a escola já estava prestes a entrar de férias. Mesmo realizando visitas frequentes ao local, ainda surgiram algumas dúvidas. Muitas vezes, tivemos que fazer perguntas a

gestora por meio do aplicativo de mensagem instantânea, o *whatsApp*. Com as duas professoras foi mais difícil manter contato, porque uma viajou nas férias e não queríamos incomodar.

É importante destacar que essa foi a primeira pesquisa realizada pela graduanda, e foi muito significativo essa experiência para a formação acadêmica da mesma. O local da pesquisa fica há 3 km da residência da pesquisadora, então é de fácil acesso. O transporte utilizado para se locomover até o *lócus* da pesquisa foi uma moto e as visitas foram feitas somente no turno da manhã.

As participantes da pesquisa foram atenciosas, falaram que sentiram dificuldades para responder o questionário mas, mesmo assim, não deixaram de responder. Com as respostas que elas deram, podemos perceber que elas estão relacionadas ao que Bourdieu aborda sobre o capital cultural.

Desta forma, acreditamos que algumas indagações feitas ao longo do trabalho foram respondidas e que os objetivos também foram alcançados. A pesquisa de campo foi realizada para compreender as concepções das professoras a respeito do tema principal, o que acreditamos ter conseguido.



Xilogravura de Patativa do Assaré

Sou fio das mata, cantô da mão grosa
 Trabaio na roça, de inverno e de estio
 A minha chupana é tapada de barro
 Só fumo cigarro de paia de mio

Sou poeta das brenha, não faço o papé
 De argum menestrê, ou errante cantô
 Que veve vagando, com sua viola
 Cantando, pachola, à percura de amô

Não tenho sabença, pois nunca estudei
 Apenas eu seio o meu nome assiná
 Meu pai, coitadinho! vivia sem cobre
 E o fio do pobre não pode estudá

Meu verso rastero, singelo e sem graça
 Não entra na praça, no rico salão
 Meu verso só entra no campo da roça e dos oito
 E às vezes, recordando feliz mocidade
 Canto uma sodade que mora em meu peito

Cordel de Patativa do Assaré

Fonte: <https://www.culturagenial.com/cordel-nordestino-poemas/>

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

“Talvez não tenha conseguido fazer o melhor, mas lutei para que o melhor fosse feito. Não sou o que deveria ser, mas Graças a Deus, não sou o que era antes”.

Marthin Luther King

A elaboração desta monografia partiu do seguinte questionamento: o capital cultural colabora para o aprendizado das/os estudantes? Contudo, entendemos ser importante compreender as respostas das professoras, suas concepções a respeito da temática porque sabemos que o capital cultural não é um assunto muito discutido nas formações de docentes. Acreditamos que assim como o capital econômico, o capital cultural também mantém influência sobre a educação, mas só o primeiro é mais discutido. A justificativa que nos impulsionou a desenvolver esta pesquisa foi a necessidade de enfatizar a relevância do capital cultural para a educação.

Podemos notar que ele é importante, mas é necessário que a escola trabalhe com o capital cultural das/os estudantes de forma adequada e criteriosa para que ela não provoque desigualdades entre elas/es. Seria bom procurar formas de promover a equidade entre as/os estudantes para que assim todos possam aprender de forma igual e apresentar aprendizados aproximados. Para isso, podemos abordar diferentes metodologias que contemplem todas/os as/os estudantes. Antes disso, propomos que as/os professoras/es possam conhecer a realidade de cada um/uma para saber a forma como trabalhar cada temática.

Acreditamos que os objetivos foram alcançados, pois identificamos a concepção das professoras sobre o capital cultural através da pesquisa de campo. Observamos que os resultados não fogem daquilo colocado pelas/os autoras/es priorizadas/os neste estudo, mas que é um tema que as professoras não tem tanto conhecimento a respeito dele.

Compreendemos que a temática tem relação com o aprendizado das/os estudantes através dos diálogos estabelecidos entre a pesquisadora e as/os autoras/es e refletimos sobre as implicações da origem social e familiar para a transmissão da bagagem cultural das/os estudantes. Vimos que a família é a primeira a transmitir o capital cultural aos filhos e filhas, por meio do convívio, e que a origem social das/os estudantes pode influenciar no tipo de capital cultural.

Todavia, uma pessoa com autonomia, determinação e esforço pode mudar seu destino através da educação. Há apenas algumas décadas, era improvável que a/o filha/o de uma pessoa pobre pudesse cursar uma faculdade. Hoje em dia, percebemos que essa realidade vem se modificando e que a quantidade de pessoas oriundas de comunidades camponesas, com condições economicamente desfavorecidas, vem aumentando. O que indica que é possível concluir a Educação Superior e promover melhorias de vida por meio da educação, mesmo vinda/o de uma realidade difícil.

Desejamos, por fim, que aumentem as pesquisas acadêmicas sobre a temática pois, ao realizarmos as consultas na internet sobre este tema, encontramos mais artigos do que monografias e, apenas uma dissertação de mestrado.

REFERÊNCIAS

BOURDIEU, Pierre. **Escritos de educação**. Petrópolis: vozes, 1998.

_____. A Escola conservadora e as desigualdades frente à escola e à cultura. *In*: NOGUEIRA, Maria Alice; CATANI, Afrânio. (Org.). **Escritos de Educação**. Petrópolis: Vozes, 1998. P. 39-64.

_____. **A economia das trocas simbólicas**. 5 ed. São Paulo: perspectiva, 2004.

BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Jean- Claude. **A reprodução: elementos para a teoria de um sistema de ensino**. 4 ed. Petrópolis, RJ: vozes, 2011.

BODART, Cristiano das Neves. A importância do capital cultural: contribuição de Pierre Bourdieu. **Blog Café com Sociologia**. 2010. Disponível em:< <https://cafecomsociologia.com/importancia-do-capital-cultural/>> acesso: 08 de julho de 2022.

_____. **Conceitos e categorias do ensino de sociologia, v.1**. 1.ed. Maceió, AL: Editora Café com sociologia, 2021. (coleção conceitos e categorias do ensino de ciências sociais, v.1).

BRASIL, Constituição Federal. **Constituição da República federativa do Brasil**. Brasília, DF. Senado, 1988.

_____. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. LDB Lei nº 9.394/1996. Brasília, DF. Senado, 1996.

Capital cultural aplicado com Pierre Bourdieu. **Senso comuna**. 17 de jun. 2021. Disponível em: <https://youtu.be/rPzEO3gyZYA>. Acesso em: 29/07/2022.

CHAUI, Marilena. **Cultura e democracia**. *In*: *Crítica y Emancipación*: Revista latino-americana de ciências sociais. Buenos Aires: CLACSO, 2008. P. 53-76.

CRESWELL, John. W. **Investigação qualitativa e projeto de pesquisa: escolhendo entre cinco abordagens**. 3.ed. Porto alegre: Penso, 2014.

CUNHA, Maria Amália de Almeida. **O conceito "capital cultural" em Pierre Bourdieu e a herança etnográfica**. Florianópolis, V. 25, n.2. 2007.

Escritores da liberdade (freedom writers) de Richard LaGravenese. 2007. Disponível na Netflix.

DENZIN, N. K; LINCOLN, Y.S. **Handbook of qualitativa research**. Thousand oaks: sage, 2011.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: Um conceito antropológico**. 19 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. 5 ed. São Paulo: Atlas, 2003.

MACHADO, Eliel. Proletariado e luta de classes em Marx e Engels. ANPUH. São Paulo, 2011.

MENEZES, Raquel. A importância do capital cultural de Bourdieu. **Educação pública**, 2009. Disponível em: <https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/9/2/a-importancia-do-capital-cultural-de-bourdieu>. Acesso em: 23/12/2021.

MENEZES, Pedro. Burguesia e proletariado. **Diferença**. Disponível em: <https://www.diferenca.com/burguesia-e-proletariado/>. Acesso em: 07/05/2022.

MARTELO, Regina Maria; PIMENTA, Ricardo Medeiros. **Pierre Bourdieu e a produção social da cultura, do conhecimento e da informação**. 01.ed. Rio de Janeiro: Garamond, 2017.

NEVES, Lúcia Maria Wanderley; PRONKO, Marcela Alejandra; MENDONÇA, Sônia Regina. Capital cultural. **Fio cruz**. Disponível em: <http://www.sites.epsjv.fiocruz.br/dicionario/verbetes/capcul.html>. Acesso em 10/07/2022.

NOGUEIRA, Maria Alice; CATANI, A (Org.) Pierre Bourdieu. **Escritos de educação**. 7.ed. Petrópolis: vozes, 1998.

NOGUEIRA, Cláudio Marques Martins; NOGUEIRA, Maria Alice. **A sociologia da educação: limites e contribuições**. Educação e sociedade, N° 78, abril. 2002.

_____. **Bourdieu e a educação**. Belo Horizonte: Autentica, 2004.

PIOTTO, Débora C; NOGUEIRA, Maria Alice. Um balanço do conceito de capital cultural: contribuições para a pesquisa em educação. **Educação e Pesquisa**. São Paulo, v. 47. 2021.

PIES, Neri Gervásio. **Capital Cultural e Educação em Bourdieu**. Catalogação: Bibliotecária Marciéli de Oliveira – CRB. Passo fundo, 2011.

APÉNDICE

APÊNDICE - Questionário aplicado para a pesquisa de campo com as respectivas respostas

1. Qual a sua formação?

Rosa: pedagoga; Flor: pedagogia

2. Há quanto tempo você trabalha na instituição?

Rosa: 2 anos; Flor: 16 anos

3. O que você entende por capital cultural?

Rosa: que é importante para desvelar as desigualdades escolares;

Flor: identidade cultural do sujeito e sociedade.

4. Qual a importância do capital cultural para o aprendizado dos estudantes?

Rosa: a importância de realizar seleções preexistentes;

Flor: é importante por ser um elemento capaz de perceber as desigualdades sociais e promover a melhoria do desempenho escolar.

5. Você acredita que os estudantes que apresentam mais facilidade de aprender os assuntos escolares são aqueles que já possuem uma determinada quantidade de capital cultural?

Rosa: sim; Flor: não

6. Antigamente, era posto que as pessoas que adquiria capital cultural era quem tinha contato com a cultura erudita, ou seja, quem frequentava cinemas, teatros, orquestras, concertos entre outras coisas. Considerando os tempos atuais, quais são os outros meios que permite adquirir capital cultural em sua opinião?

Rosa: caráter e modo de pensar; Flor: é através d cultura erudita

7. Na sua opinião, qual o papel da família no processo de transmissão do capital cultural ?

Rosa: a socialização, instruir e educar para a base de formação da pessoa;

Flor: os valores adquiridos de geração em geração, a cultura.

8. Para você, a classe social interfere no acúmulo do capital cultural? Se sim, de que forma?

Rosa: sim, por vários critérios: diferenças, prestígios pelos os rendimentos familiares;

Flor: sim, por que capital cultural são ativos sociais de pessoa em matéria cultural em educação.